

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**MESTRADO / DOUTORADO**

**ETC. E RETICÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE SENTIDOS**

**PATRICIA PEREIRA FRANCO**

Pelotas

2014

**PATRICIA PEREIRA FRANCO**

**ETC. E RETICÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE SENTIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.  
Área de Concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Ercília Ana Cazarin

Pelotas  
2014

**PATRICIA PEREIRA FRANCO**

**ETC. E RETICÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE SENTIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Thereza Veloso – URI

---

Prf<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aracy Ernest-Pereira – UCPEL

---

Prf<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ercília Ana Cazarin – UCPEL - Orientadora

Pelotas, 18 de dezembro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus por ter me dado forças e oportunidade para continuar estudando.

Em seguida, agradeço a minha família, que sempre apoiou minhas escolhas profissionais e sempre me incentivou ao estudo, mostrando o quanto é importante saber mais, e por entenderem meu distanciamento dos eventos familiares no decorrer da minha escrita.

Também agradeço ao meu marido, pela paciência e dedicação.

A minha orientadora, Ercília Ana Cazarin, pelos ensinamentos, carinho, devoção e paciência demonstrada ao longo de minha escrita, meu eterno agradecimento.

A professora Marilei Resmini Grantham, minha orientadora no curso de especialização, que me apresentou a Análise de Discurso e me ensinou a usar minhas asas para voar.

Ao programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL, pela prestabilidade toda vez que precisei.

Ao meu chefe, pela oportunidade de trocas de horário ao longo do mestrado, possibilitando-me escolher as disciplinas que mais me interessavam.

E por último, mas não menos importante, agradeço a todas as pessoas que não acreditavam que um dia eu conseguiria concluir o curso de Mestrado: isso serviu de estímulo para que eu continuasse e não desistisse.

## RESUMO

A presente pesquisa efetua um estudo discursivo da abreviatura etc. comparada com o sinal de pontuação reticências, pelo viés da leitura, da interpretação e da escritura. Com base na linha teórica da Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvemos, primeiramente, uma reflexão acerca das noções mais relevantes para este trabalho. Em seguida, buscamos as concepções linguísticas dos objetos de análise para, a partir disso, pensar em um enfoque discursivo para os mesmos. Feito esse levantamento teórico, partimos para a aplicação de um texto verbo-visual que visava ao preenchimento de sentidos para o etc. e para as reticências. Logo, com base nas análises dos textos produzidos pelos alunos participantes desta pesquisa, efetuamos as análises nas quais foi possível considerar que a maioria deles leu e interpretou o etc. e as reticências de maneira muito semelhante, permitindo-nos escrever que, no funcionamento do discurso, o etc. e as reticências produzem sentidos se não igual, muito próximos, ou seja, os gestos de interpretação, nos dois casos, são muito parecidos.

**Palavras-chave:** Etc. Reticências. Sentidos.

## RESUMEN

Esta investigación hace un estudio discursivo de la abreviatura etc. en comparación con el signo de puntuación los puntos suspensivos, por el bies de la lectura, de la interpretación y de la escritura. Con base en la línea teórica del Análisis del Discurso francesa, desarrollamos, inicialmente, una reflexión acerca de las nociones más relevantes para este trabajo. Luego, buscamos las concepciones lingüísticas de los objetos de análisis para, a partir de eso, pensar en un enfoque discursivo para los mismos. Hecha esta investigación teórica, aplicamos un texto verbo-visual que intentaba rellenar de sentidos el etc. y los puntos suspensivos. Por lo tanto, con base en el análisis de los textos producidos por los estudiantes que participan de esta investigación, realizamos los análisis en los cuales fue posible considerar que la mayoría de ellos leyó e interpretó el etc. y los puntos suspensivos de manera muy similar, lo que nos permitió percibir que, en el funcionamiento discursivo, el etc. y los puntos suspensivos producen sentidos que se no son iguales, son muy próximos, o sea, los gestos de interpretación, en los dos casos, son muy parecidos.

**Palabras-clave:** Etc. Puntos suspensivos. Sentidos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1. CAMPO TEÓRICO: A ANÁLISE DE DISCURSO</b> .....	9
1.2 Sujeito, ideologia e formação discursiva.....	11
1.3 Leitura, interpretação e sentido.....	18
<b>2. OS OBJETOS DE ANÁLISE</b> .....	24
2.1 A concepção linguística do etc.....	24
2.2 A concepção linguística das reticências.....	27
2.3 Etc. e reticências: um enfoque discursivo.....	30
<b>3. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS</b> .....	35
3.1 Considerações gerais.....	35
3.2 A construção da metodologia.....	39
<b>4. ANÁLISES DO <i>CORPUS</i></b> .....	41
4.1 Os gestos interpretativos do texto-base – os sentidos que se aproximam.....	41
4.2 Os gestos interpretativos do texto-base – os sentidos que se distanciam.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
<b>ANEXOS</b> .....	63

## INTRODUÇÃO

Sinais de pontuação e abreviaturas sempre foram vistos, pela linguística e por gramáticas normativas, como termos de pouca importância que possuem funções específicas. Por não concordar com esse tipo de afirmação é que nosso trabalho se propõe a um olhar discursivo e, logicamente, diferenciado acerca da abreviatura etc. e do sinal de pontuação, as reticências.

Desta forma, este trabalho constitui-se em um estudo discursivo da leitura, da interpretação e da escritura pela ótica da abreviatura etc. e das reticências. Assim, para este estudo, entendemos a leitura não como decodificação, mas sim como um processo de produção de sentidos que envolve fatores outros que não apenas um leitor, um autor e um texto. A relação com outros textos, o contexto sócio-histórico, econômico, político e a memória do dizer, o interdiscurso, são fatores de extrema relevância para este estudo discursivo a que nos propomos.

Podemos dizer, então, que esse processo tão encantador e, ao mesmo tempo, desafiador, é o que move todo o estudo em questão. A linha teórica que alicerça este trabalho é a Análise de Discurso de filiação francesa, que tem como seu principal representante Michel Pêcheux.

Nessa perspectiva, nosso objetivo principal é analisar, discursivamente, a abreviatura etc. e as reticências, tomando-as como lugar de interpretação e, dessa forma, de produção de sentidos. Orienta-se, também, segundo os seguintes objetivos específicos: examinar o etc. e as reticências, tendo como referência as definições em gramáticas e dicionários; propor um enfoque discursivo para o etc. e para as reticências; examinar, no âmbito dos estudos discursivos, estudos sobre o etc. e as reticências; compreender os possíveis gestos de interpretação da abreviatura etc. e das reticências; buscar entender quais posições-sujeito assumem sujeitos-leitores a partir do etc. e das reticências; contrapor as interpretações produzidas nos textos com o etc. e com as dos textos com as reticências; e, analisar possíveis deslocamentos, deslizamentos e/ou rupturas de sentidos a partir dos textos-base.

Para que possamos dar conta de nossos objetivos, temos um texto verbo-visual que termina com o etc., mas que em outro momento é apresentado terminando com as reticências. A ideia principal é, portanto, verificar se, no funcionamento do discurso, os efeitos de sentido produzidos pela leitura dos textos poderão se aproximar ou não.



O referido texto foi submetido ao processo de leitura, interpretação e escritura a alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama. Esses sujeitos-leitores receberam o texto, que em um momento terminou com o etc. e em outro com as reticências, e foi pedido que preenchessem os sentidos do etc. e das reticências, e no texto verbo-visual.

Para que este estudo tenha um embasamento teórico, tratamos, inicialmente, de algumas questões que definem a Análise de Discurso de filiação francesa.

Em seguida, trazemos algumas noções da teoria da Análise de Discurso que julgamos necessárias para chegarmos aos nossos objetivos. Evidentemente, todas as noções são importantes. No entanto, foi preciso selecionar as mais relevantes para o estudo a que estamos nos propondo, tais como as noções de leitura, interpretação, sujeito, ideologia, sentido, formação discursiva, escrita e escritura.

No capítulo seguinte, tratamos das noções linguísticas do etc. e das reticências. Para isso, tomamos noções de gramáticas e dicionários da língua portuguesa a fim de verificar o que as noções preliminares e puramente linguísticas nos dizem a respeito desses nossos objetos de análise.

Feito isso, partimos para as noções discursivas do etc. e das reticências. Antes de tirar nossas conclusões, observamos outros estudos na linha teórica da Análise de Discurso (AD) sobre esses objetos.

No terceiro capítulo, demonstramos como foi nossa metodologia de aplicação do texto-base, quais os princípios metodológicos utilizados nesse estudo para que chegássemos aos objetivos inicialmente propostos e a uma apresentação dos *corpora* discursivos.

Por fim, fizemos as análises dos textos dos alunos pensando nos gestos interpretativos tanto do etc. quanto das reticências e, em seguida, refletindo sobre sentidos produzidos pelos sujeitos-leitores a fim de percebermos se esses sentidos se aproximam ou se distanciam. E, na sequência, apresentamos nossas considerações finais.

## 1. CAMPO TEÓRICO: A ANÁLISE DE DISCURSO

Para a realização deste estudo, como já dissemos, nos filiamos às noções da Análise de Discurso de linha francesa. Assim, julgamos necessário refletir sobre algumas questões iniciais para nos situarmos nessa teoria.

Primeiramente, é preciso dizer que a AD francesa tem como principal representante o filósofo Michel Pêcheux, e que é com ele que começam os estudos dessa teoria. Para Orlandi (2010), a AD caracteriza-se como uma disciplina de entremeio porque forma um trabalho contínuo, e constante, de contradições epistemológicas entre distintas ramificações do conhecimento. Com uma proposta de articular as ciências sociais, a linguística e a psicanálise é que Pêcheux vai iniciar uma nova reflexão sobre a linguagem e sobre a ideologia, reformulando, assim, a noção de discurso. Resumindo, trazemos Orlandi, que nos diz:

A análise de discurso tem seu método e seu objeto próprios que tocam os bordos da linguística, da psicanálise, do marxismo, mas que não se confundem com eles. Podemos, isso sim, dizer que a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões científicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria psicanalítica do sujeito. É este o contexto teórico da análise de discurso. São essas as condições históricas do aparecimento da análise do discurso. (2010, p.13)

Esse entendimento nos autoriza a escrever que a Análise de Discurso vai trabalhar com questões que tanto a linguística quanto as ciências sociais deixaram de fora, ou seja, do que é excluído pela linguística. Trabalhará a linguagem a partir do histórico-social, e, com relação às ciências sociais, questionará o fato de essa ciência não considerar a linguagem em sua materialidade. Diante desses questionamentos e das reflexões feitas a partir da psicanálise, da linguística e do marxismo é que surgirá a AD propondo uma reformulação do que seja o discurso.

Assim, a noção de discurso é reformulada e este passa a ser considerado no nível da particularidade, ou seja, não é nem individual, que seria um lugar de liberdade de quem fala, nem universal, que seria o que é válido para todos os falantes de determinada comunidade linguística. Assim, o discurso é da ordem do particular, determinado por interesses de classes sociais e por ideologias.

Pêcheux (1969) nos dirá que o discurso, mais do que uma simples transmissão de informações é um efeito de sentidos entre interlocutores. E é a partir dessa afirmação de Pêcheux que nosso trabalho se sustenta, uma vez que consideramos o discurso como efeito de sentidos entre sujeitos, um autor e um leitor. Isso faz com que desloquemos a AD de um terreno que considera a linguagem como mero instrumento de comunicação. Em outras palavras, esse conceito de discurso nos afasta do conceito das gramáticas normativas, dos linguistas, que consideram o discurso como uma relação entre interlocutores que se resume a uma relação mecanizada em que um fala e o outro responde (enunciador e destinatário).

Para a AD, o discurso será produzido a partir de determinadas condições de produção que vão incluir sujeitos e a situação em que se dá o discurso, seja em sua produção, por um sujeito-autor, seja em sua leitura, por um sujeito-leitor. Essa situação, de condição, de produção e de leitura do discurso pode ser considerada tanto com relação ao momento da enunciação, o aqui e o agora do dizer, ou seja, o contexto que é imediato, como com relação ao contexto sócio-histórico, que vem a ser mais abrangente. Em outras palavras, temos as condições de produção do discurso sendo pensadas em um sentido restrito e em um sentido lato, respectivamente.

Pensando no discurso enquanto efeitos de sentidos, Pêcheux também reformula a noção de sujeito, que pela linguística é considerado empírico, dono do saber e controlador de seu dizer. Para a Análise de Discurso, o sujeito é visto como posição projetada no discurso: a partir de seu discurso, que é produzido a partir do interdiscurso e de determinadas condições de produção, o sujeito assume diferentes posições discursivas que serão determinadas a partir de condições como o lugar social que ocupa e a ideologia<sup>1</sup>.

Também há uma reformulação na forma de pensar a dicotomia estabelecida por Saussure entre língua e fala. Para a linguística, a língua é um sistema de códigos, social, enquanto que a fala é individual e se constitui de variáveis. Assim, acreditamos, com base nos estudos discursivos, que ao pensar a língua separadamente da fala, os linguistas estavam separando o social e o histórico. Já para a análise de discurso, social e histórico não se separam, caminham juntos na produção do discurso. Por esse

---

<sup>1</sup> É entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente. (CAREGNATO, Rita C.A.; MUTTI, Regina, 2006)

caminho, a linguagem, na Análise de Discurso, é vista como uma materialidade do texto que vai gerar pistas do sentido que o sujeito pretende<sup>2</sup> dar ao discurso.

Desta forma, segundo Orlandi,

A análise de discurso aponta, pois, para novas maneiras de ler, para outros gestos de leitura, outra escuta, sustentada por dispositivos teóricos e analíticos que nos permitem não apenas nos reconhecermos no que lemos (ou ouvimos) mas que conheçamos o modo como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeito se constituindo na relação do simbólico com o político (2010, p.28).

Entendemos, assim, que a Análise de Discurso, dentre tantas outras coisas, se propõe a ouvir o que está dito, materializado através do texto, e a ouvir o que não está dito, não está materializado, mas se torna possível resgatar a partir do que está dito, posto. A partir dos ditos e dos não-ditos, o analista de discurso encontra pistas para realizar sua análise e compreender o processo de produção de sentidos e dos sujeitos.

Nesse campo teórico, o pesquisador não é resumido a simplesmente colocar em prática a teoria. Pelo contrário, na Análise de Discurso o pesquisador, chamado de analista de discurso, é considerado um agente que participa de determinada ordem, colaborando no desenvolvimento de uma junção entre linguagem e sociedade.

Com isso, não estamos dizendo que a AD tem a pretensão de descobrir algo novo, mas sim que essa teoria possibilita um novo olhar, uma nova interpretação ou uma re-leitura a partir de outras teorias. Também dizemos que a Análise de Discurso não tem a pretensão de julgar, de dizer o que é certo e o que é errado. Longe disso. A teoria a qual nos filiamos apenas busca mostrar o funcionamento do discurso, sem julgamentos.

Para dar continuidade às nossas reflexões acerca da Análise de Discurso, acreditamos ser necessário que façamos algumas considerações, ainda que breves, acerca de alguns conceitos que consideramos relevantes para nosso estudo.

### **1.1 Sujeito, ideologia e formação discursiva**

A importância de refletir sobre a noção de sujeito se dá pelo fato de que, na Análise de Discurso, para que o discurso exista, é preciso que o sujeito também exista. Dito de outra forma, não há discurso sem sujeito.

---

<sup>2</sup> Dizemos pretende porque o sujeito não é dono dos sentidos de seu discurso. Os sentidos produzidos por um determinado discurso dependerão de condições de produção de leitura.

Dizemos que o sujeito da AD é um sujeito que só tem acesso à parte do que diz e é interpelado pela linguagem e pela história sendo, assim, sujeito à língua e sujeito à história. O sujeito é afetado tanto pela língua quanto pela história para que os sentidos possam ser produzidos. Se não fosse assim, o sujeito não falaria, não produziria sentidos. Isso faz com que o sujeito da AD se distancie da noção psicológica de sujeito empírico, consciente e dono do dizer; do sujeito que tem, em seu dizer, a origem dos sentidos.

Trataremos, então, neste estudo, de um sujeito que é atravessado pela história e pela linguagem; um sujeito que é linguístico, ideológico e desejante. Sujeito esse pensado enquanto “posição” entre outras, conforme nos diz Orlandi:

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. (2012, p.49).

No caso de nossa pesquisa, interessa também o sujeito-autor, que produz o texto, e que é um sujeito que acredita ser a origem do dizer; um sujeito que crê ser dono do que diz e dos sentidos que a leitura do seu texto possa produzir, conforme escreve Indursky:

[...] sujeito-autor é afetado pelo imaginário de estar na origem de seu dizer: ele esquece que os sentidos preexistem e supõe-se a fonte única do seu dizer e de seus sentidos: ele sabe/ controla/ domina perfeita e completamente os sentidos que produziu em seu texto [...] (2001, p.33).

Essa ilusão que o sujeito-autor tem de ser a origem do dizer, se dá pelo efeito de início causado pelo texto, e a ilusão de ter domínio sobre as interpretações que irão surgir, dá-se pelo efeito de fechamento, causado também pelo texto, que vem marcado linguisticamente por pontuação.

Portanto, o autor é um sujeito que acredita dominar, controlar os sentidos de seu texto, como se todos os leitores fossem ter apenas as interpretações que ele acredita serem possíveis. Entretanto, isso não acontece já que cada leitor fará sua leitura a partir de um lugar social, o que poderá resultar em diferentes interpretações, em diferentes gestos interpretativos.

Assim como o autor, o sujeito-leitor também tem a ilusão de ser dono de seu dizer. No entanto, nem autor nem leitor estão na origem de seus discursos; encontram-se integrados nas condições de produção do discurso.

Nesse sentido, trazemos a noção de autoria. Nessa linha, Mittmann explica que é pela autoria que o sujeito, ao submeter-se também se impõe, não apenas como *sujeito a*, mas também como *sujeito de*. Pela autoria, o retorno do já-dito forma o discurso, como atualização e, portanto, com deslizamentos. (2010. p. 90). Assim, o discurso é produzido pelos já-ditos que são ressignificados pelo sujeito através de sua historicidade, de sua ideologia e de suas condições de produção do discurso.

O sujeito produz seu texto e significa em condições determinadas. Seu dizer é interpelado pela língua, pelo interdiscurso - memória discursiva - e por suas experiências vividas que reclamam sentidos. Assim, os discursos se inscrevem em determinadas formações discursivas que irão representar as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2012. p.53)

O sujeito-leitor, assim como o autor, é interpelado ideologicamente e se identifica com determinada formação discursiva, estabelecendo, a partir de sua leitura e de seu gesto interpretativo, identificação com determinada posição-sujeito. Assim também será em nossa pesquisa: os sujeitos-leitores, do texto proposto, ao lerem e realizarem seus gestos de interpretação, inscrevem-se em diferentes posições-sujeito da FD que estamos denominando de “FD dos alunos” – uma região de saber que abriga o discurso dos alunos por nós entrevistados. Desta forma, essa posição-sujeito-leitor poderá identificar-se ou não com a posição assumida pelo autor. E isso acontece devido ao fato de que o lugar social ocupado pelo autor, pode não ser o mesmo ocupado pelo leitor. É desse processo de identificação ou não que se pode apreender a posição-sujeito.

As leituras, produzidas pelo leitor, se dão a partir do lugar social em que o sujeito está inserido. Assim, compartilhando com as ideias de Cazarin, dizemos que é esse lugar social que lança o sujeito-leitor

em um processo histórico de interpretação e de disputa na produção de sentidos, ou seja, os sentidos se produzem como gestos de interpretação. É essa interpretação singular, mas marcada pela historicidade que, para quem lê/ouve/interpreta, se apresenta como “o sentido” (2006).

Temos, então, um sujeito-leitor que é constituído na relação necessária com a linguagem em função de um discurso ao qual se submete. E é nessa constituição do sujeito que a ideologia se faz presente, já que ela é condição para a existência do sujeito

e dos sentidos. Também o fato de que não há sentido sem interpretação atesta a presença da ideologia (Orlandi, 2012, p. 45). Assim, quando o sujeito produz seu dizer, ele já o faz interpelado em sujeito através da ideologia.

Segundo Orlandi (op. cit., p. 45-50), a ideologia possui um trabalho de produção de evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. A partir dessa relação, imaginária, do homem com a exterioridade é que o sujeito se constitui enquanto sujeito do discurso.

A ideologia é tão importante na constituição do sujeito que, segundo Orlandi<sup>3</sup>, não há realidade sem ideologia. Isso quer dizer que a ideologia aparecerá como uma relação, absolutamente necessária, do sujeito com a história e com a língua para que, assim, haja sentido.

Podemos pensar, então, que assim como não há discurso sem sujeito, também não há sujeito sem ideologia. Discurso, sujeito e ideologia se entrelaçam. Desta forma, dizemos que o sentido vai ser produzido na relação do sujeito com a língua e com a história através da ideologia.

A ideologia, por sua vez, é materializada no discurso a partir da inscrição do sujeito em determinada formação discursiva (FD). Dito de outra forma, é na FD que se materializa a ideologia através do discurso. Pêcheux vai nos dizer que

[...] a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma conjuntura dada [...] (PÊCHEUX & FUCHS, 1990,p.166).

Assim, percebemos que a noção de formação discursiva está diretamente ligada à noção de ideologia, pois a partir de determinada ideologia, o sujeito filia-se a uma FD e não a outra. Os enunciados produzidos em determinadas FDs vão relacionar-se diretamente com a ideologia estabelecida, determinando, assim, o que pode ou não ser dito.

Orlandi (2012, p.43) nos dirá da importância deste conceito:

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento discursivo.

---

<sup>3</sup> Id., p. 45-50.

Assim, a partir da noção de formação discursiva, iremos pensar em outras questões como a da produção de sentidos, a relação dessa produção com a ideologia, como Orlandi e Pêcheux nos dizem, bem como pensar na formação discursiva como uma alternativa necessária para que, em nossas análises, possamos fazer os recortes discursivos e, conseqüentemente, estabelecer as sequências discursivas de referência.

Para o analista, a noção de formação discursiva é extremamente relevante uma vez que é a partir de uma FD que encontramos a posição-sujeito e o sentido do dizer que foi submetido à análise, já que tanto o sentido quanto o sujeito são relativos à inscrição em determinada formação discursiva.

Encontramos a noção de forma-sujeito em Pêcheux (1988, p. 160-167), quando explica que o lugar que o sujeito ocupa nunca é vazio, ao contrário, é um lugar ocupado por aquilo que ele chama de forma-sujeito, ou sujeito de saber da formação discursiva. Seguindo, Pêcheux "... é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui" (op. cit., p. 167).

Ainda de acordo com Pêcheux (op. cit., p.167), a forma-sujeito vai compreender o sujeito-enunciador (sujeito do discurso ou sujeito ideológico) e o sujeito universal (ou sujeito do saber) através da articulação entre o interdiscurso e o intradiscurso de uma determinada FD.

Indursky (1992, 285-302), ao tratar da heterogeneidade, parte da ideia de que um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos; diz que, em AD, o que importa é romper analiticamente a aparente homogeneidade discursiva para fazer vir à tona sua heterogeneidade fundante, mediante a mobilização da categoria de "memória discursiva", que permite relacionar sequências formuladas no intradiscurso com sua exterioridade (com o interdiscurso).

É também ela (op. cit. p. 332), que diz que uma FD autoriza a divisão sob a aparência da unidade, afirmando que a unidade é garantida pela identificação ideológica e a divisão é decorrente das diferentes posições de sujeito possíveis no interior de uma FD. Segundo a autora, é por isso que a coerência de uma FD é relativa, pois contém, em si mesma, espaço para a diferença e para a contradição.

A partir dos escritos por Indursky (Op. cit.), entendemos que uma posição-sujeito se caracteriza pela maneira como determinados grupos, no interior de uma mesma FD, se relacionam com a forma-sujeito da mesma.



Retomando a noção de formação discursiva, de uma forma bastante simplificada, dizemos que ela é definida como, a partir de determinada posição em uma conjuntura sócio-histórica, um lugar que determina o que pode e deve ser dito. Em outras palavras, a partir de determinada formação ideológica<sup>4</sup>, a formação discursiva vai determinar o que pode ou não ser dito. Assim, dizemos que a FD vai representar, no discurso, a formação ideológica, FI, ou seja, a formação discursiva será uma projeção da ideologia no discurso.

Assim como a FD determina o que pode e deve ser dito, ela também vai determinar o que não pode/não deve ser dito. E é nesse jogo, do que pode/não pode, deve/não deve ser dito, que as relações de força se revelam no entorno, nas bordas, de determinada formação discursiva. Essas bordas, que são fluidas, são reguladas externamente por uma tensão existente com outras FDs e, internamente, por uma forma-sujeito.

É por isso, como já dissemos, que os sentidos são constituídos e determinados ideologicamente.

A partir disso, dizemos que as palavras não têm sentido, *a priori*, em si, mas que o sentido é construído e determinado a partir de determinadas posições ideológicas. O sujeito assume uma posição ideológica, se inscreve em uma formação discursiva e é por ela determinado. Assim, surgem os sentidos; assim as palavras e os sentidos circulam, sendo determinados de acordo com as posições assumidas pelo sujeito que as emprega.

Dizemos então que as palavras, as expressões, os dizeres, não teriam um sentido próprio, mas um sentido que é resultado de sua inscrição em determinada formação discursiva e, conseqüentemente, em uma posição-sujeito. Assim pensamos no etc. e nas reticências: podem apresentar diferentes sentidos, que não os ditos literais; sentidos esses que poderão ser diferentes por inscreverem-se em distintas posições de sujeito.

As palavras, para fazerem sentido, precisam já ter significado em outro momento discursivo, da mesma forma ou de formas diferentes. Esse já fazer sentido das palavras é efeito do já-dito, do interdiscurso, da memória discursiva.

Quando se inscrevem em diferentes formações discursivas, palavras iguais podem significar de formas diferentes. A palavra liberdade, por exemplo, tem um

---

<sup>4</sup> Conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de classe em conflito umas com as outras (Haroche et al., 1975).

significado para um presidiário e outro para um adolescente. Da mesma forma, acreditamos que aconteça com o etc. e as reticências: vão significar diferentemente a partir da formação discursiva em que estiverem inscritos.

É por acreditar que as palavras não significam *a priori* que entendemos o etc. e as reticências como dizeres, marcas linguísticas, que podem significar de diferentes formas em diferentes posições-sujeito, em diferentes contextos.

O sujeito, ao produzir seu discurso, seja ele oral ou escrito, é interpelado em sujeito que fala através das formações discursivas – é no interior de uma formação discursiva que o sujeito ideológico é assujeitado em sujeito do discurso – que, como já dissemos, vão representar, na linguagem, as formações ideológicas correspondentes de quem fala. É por isso, que fica impossível pensar no sentido e no sujeito sem a ideologia, já que é ela, a ideologia, que constitui sujeito e sentido na linguagem, no discurso.

Quando o sujeito assume determinadas posições, significa dizer que ele se identifica com determinada formação discursiva, com um conjunto de saberes e não com outros. E é essa FD que regulará o que pode/deve ou não ser dito a partir do lugar social que o sujeito se encontra/inscreve.

Nesse momento, é importante salientar que numa mesma formação discursiva, diferentes posições-sujeito podem ser encontradas. Para que façam parte de uma mesma FD, é preciso que haja pontos importantes em comum. Por exemplo, numa FD religiosa cristã, o ponto em comum é a crença em Deus. Posições divergentes podem surgir em uma mesma formação, mas o crer em Deus é o que coloca as demais posições em uma mesma FD.

Pensamos, então, que as formações discursivas vão surgir a partir de determinadas condições de produção. E essas condições serão as condições de classe. Segundo Pêcheux & Fuchs, a formação discursiva “pode fornecer elementos que se integram em novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas, que colocam em jogo novas formações ideológicas” (2010, p.165).

A formação discursiva vai ser determinada pelo interdiscurso, o qual é constituído de todo dizer já-dito. É no interdiscurso que se encontram os saberes, os dizeres. E pensando no funcionamento do interdiscurso e da FD, conseguimos compreender, mais claramente, como a ideologia funciona na constituição do sentido e do sujeito.

O interdiscurso é que determina as formações discursivas e essas não devem ser pensadas como blocos, que se localizem no interdiscurso, e que funcionem de forma automática. Ao contrário, devem ser pensadas através da heterogeneidade, onde suas fronteiras são porosas, formadas e reformuladas de forma contínua nas relações. Nesse sentido, a heterogeneidade de uma FD se caracteriza a partir das diferentes posições-sujeitos que podem ser assumidas.

## **1.2 Leitura, interpretação e sentido**

A leitura, se pensada de forma bem restrita, poder ser concebida como o ato de aprender a ler e escrever, ou seja, a alfabetização. A leitura ainda pode ser vista como um processo de decodificação. Esses exemplos de concepção de leitura nos remetem a uma visão instrumental da linguagem em que os sentidos são únicos e estão enraizados, de forma exclusiva, nas palavras.

Afastando-se dessa concepção de leitura como decodificação, Paulo Freire (1991, p. 20) vai nos dizer que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura dessa implica a continuidade da leitura daquele”. O que temos, dito de outra forma, é uma leitura que consiste em uma relação com o exterior, ou seja, uma relação necessária entre texto e contexto, ou, ainda, entre texto e exterioridade.

Essa forma de pensar a leitura, apesar de não ser uma concepção discursiva, nos interessa bastante visto que há uma relação da leitura com a exterioridade. Freire ainda destaca que a leitura, ou, como ele também classifica “ato de ler”,

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (1991, p.9).

Nesta perspectiva, Paulo Freire se preocupava com os textos, as palavras e as letras de determinado contexto que era proposto ao aluno leitor. E essa “nova” forma de ler buscava uma percepção crítica por parte do aluno no momento de interpretação e reescrita do que foi lido.

A partir dessa proposta de leitura, entendemos que há uma ruptura da forma como a leitura era realizada, principalmente nas escolas. O que antes era um ato autoritário, que não permitia interpretação das palavras, dos textos, agora é configurado como um ato de conhecimento, em que o leitor pode e deve fazer a sua leitura particular do texto. Leitura essa que é marcada pelo contexto de quem escreve, de quem lê, e de quem fala. Ou, ainda, como diz Paulo Freire, leitura do mundo e leitura da palavra (1991, p. 9-10).

Partindo, então, para uma abordagem discursiva e, compartilhando com as ideias de Grantham (2009, p. 35), trataremos da leitura como “produção de sentidos, a qual tem em sua origem um processo histórico-social”.

Assim, a concepção de leitura que a Análise de Discurso propõe parte em busca de um enfoque que vai muito além da decodificação e, dessa forma, descarta um sentido único para um texto.

Tomamos, como ponto de partida, sobre a leitura, Pêcheux quando afirma que

Se nos acompanham, compreenderão então que a evidência da leitura subjetiva, segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido (...) é uma ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação à linguagem (1975, p.169).

A partir dessa afirmação, entendemos que o autor nos fala em uma concepção de leitura que desconsidera sentidos pré-construídos, ou seja, de um único sentido, de uma única interpretação possível, para um determinado texto. Assim, dizemos que um texto pode ter possibilidades de leitura, e não apenas uma ou qualquer uma.

A leitura, então, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentido; enfim, de historicidade (GRANTHAM, 2009, p. 36).

Orlandi nos dá uma definição de leitura:

[...] o trabalho simbólico no espaço aberto de significações que aparece quando há textualização no discurso. Há, pois, muitas versões de leitura possíveis. São vários os efeitos-leitor produzidos a partir de um texto. São diferentes possibilidades de leitura que não se alternam, mas coexistem assim como coexistem diferentes possibilidades de formulação em um mesmo sítio de significação (2001, p.71).

Compartilhando com essa abordagem de Orlandi, acreditamos que não haja uma única leitura nem leituras infinitas, mas sim que há leituras possíveis. Leituras

essas que dependerão do sujeito-leitor, que age frente ao texto a partir do imaginário do lugar social que se inscreve, determinado pela ideologia.

Nessa perspectiva, Cazarin (2006, p. 302) nos dirá que “ler constitui-se em uma prática social que mobiliza o interdiscurso, conduzindo o leitor, enquanto sujeito histórico, a inscrever-se em uma disputa de interpretações”. Ainda segundo a autora, “na prática da leitura, o sujeito-leitor vai ocupar uma posição-sujeito em relação àquela ocupada pelo sujeito-autor, identificando-se ou não com ele”<sup>5</sup>. É nessa identificação, ou não, com o autor, que o sujeito-leitor faz sua leitura e, conseqüentemente, produz seu gesto de interpretação. Assim, compartilhamos com as ideias de Cazarin (2006, p.302): “a leitura constitui-se, então, como momento crítico de uma relação entre autor/texto/leitor (...)”

Essa relação entre autor/texto/leitor se faz necessária para que a interpretação aconteça. Da mesma forma, entendemos que acontece em nossas análises com o etc. e com as reticências: os gestos de interpretação surgirão a partir dessa relação necessária entre autor, texto, leitor e produtor de sentidos.

Deslocando o apresentado por Cazarin em relação ao processo de leitura, para o âmbito da escritura de um texto, entendemos que, quando o aluno é convidado a produzir um texto a partir de outro, como é o caso de nossa pesquisa, ele também irá desconstruir o texto apresentado, para produzir seu texto, a partir do imaginário da posição-sujeito que ocupa no interior de uma FD, ainda que disso não se dê conta. Assim, temos um leitor que, ao produzir seu texto, torna-se um sujeito-autor de sua escritura, assumindo uma posição reveladora de seu gesto de interpretação.

Ainda sobre a leitura, Orlandi (2011, p. 193) nos dirá que “(...) a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal (...)”. Com base nisso, lembramos que a leitura vem a ser uma prática social, já que é historicizada. É nesse momento que o leitor produz seu gesto de interpretação.

Para Indursky (2001, p.32), ler “é mergulhar em uma teia discursiva invisível construída de já-ditos para desestruturar o texto e (re)construí-lo, segundo os saberes da posição-sujeito em que se inscreve o sujeito-leitor”.

---

<sup>5</sup> Id., 2006, p. 302

Com isso, dizemos que os processos de leitura e interpretação estão entrelaçados e que os gestos de interpretação são constitutivos do processo discursivo da leitura.

Refletindo sobre a interpretação, Orlandi (1996, p.9-15,) nos diz que não há sentido sem interpretação; que a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem. Com base nessa reflexão, dizemos que os sentidos não são evidentes e nem se fecham, mesmo que um sujeito-autor, ou leitor, acredite que, por exemplo, os sentidos se acabem, se fechem, na utilização de um ponto final.

Se os sentidos não são evidentes e nem se fecham, acreditamos que tanto o etc. quanto as reticências não possuem sentidos fechados, ou que qualquer sentido pode ser atribuído a eles. Ao contrário, pensamos que diferentes sentidos poderão ser atribuídos tanto às reticências quanto ao etc., dependendo do contexto e das condições de produção de leitura.

Pêcheux (1990, p. 54) assinala que os momentos de interpretação são atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais. A partir dessa reflexão, Orlandi (1996, p.10-15) nos dirá, então, que a interpretação é um gesto, um ato no nível do simbólico. E esse gesto de interpretação é marcado, por sua vez, pela ideologia e pela historicidade e será, segundo Orlandi (op. cit., p. 45-78), o lugar em que teremos a relação do sujeito coma a língua.

É nesse sentido que entendemos que o processo de produção textual também é um gesto interpretativo, pois é através da produção de um novo texto que o leitor revela sua interpretação do texto submetido ao processo de leitura e interpretação. Da mesma forma, acontece em nossas análises: o leitor, ao ler e interpretar o texto proposto, realizará a produção de seu texto que nos dará pistas da posição assumida a partir da FD dos alunos.

Orlandi (2010, p. 24) ainda destaca que “na análise de discurso, a linguagem não é transparente, e interpretar não é atribuir sentido, mas expor-se à opacidade do texto, ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos.”. Também entendemos que o sujeito sempre interpreta, sempre realiza um gesto de interpretação em que emergem os sentidos. Quando um sujeito fala, escreve, ele atribui sentidos às palavras a partir de condições específicas.

Refletindo sobre a interpretação como um ato no nível do simbólico, Grantham no diz que:

Conceber a interpretação como um gesto nos possibilita pensá-la em sua ligação com a incompletude: a interpretação acontece porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pelo silêncio (2009, p. 69).

Isso nos leva a pensar nas escrituras como gestos interpretativos dos sujeitos que, ao lerem e interpretarem, se tornam sujeitos-autores desses gestos interpretativos. Ao interpretar e produzir seu texto revelador de sua interpretação, o sujeito que era leitor, passa a ser sujeito-autor. Desta forma, nossos sujeitos pesquisados, que serão submetidos ao processo de leitura, interpretação e escritura, quando produzirem seus textos, assumirão uma posição de sujeito-autor.

A leitura e a interpretação tanto do etc. quanto das reticências será possível a partir do lugar social que os leitores ocupam, ou seja, é a partir da inscrição em determinadas formações discursivas e ideológicas que sujeitos farão sua leitura e sua interpretação. Será a partir de determinadas condições de produção de leitura que serão produzidos os sentidos, os gestos de interpretação, como nos diz Orlandi (2010, p. 25) “... a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas...”.

A partir de determinadas condições de produção, que se materializem na linguagem a partir de uma FD, o leitor faz sua interpretação e assume uma posição-sujeito que pode se identificar ou não com a posição-sujeito do autor.

Em nossas análises, procuraremos não interpretar os textos produzidos pelos sujeitos-leitores, já que não é esse o papel do analista de discurso, mas sim compreender como os textos produzem sentidos e, a partir disso, fazer as comparações entre as interpretações produzidas a partir do uso do etc. e das reticências, conforme nos propusemos na introdução deste trabalho.

Esses sentidos, que serão produzidos por nossos sujeitos pesquisados, serão retomados do interdiscurso e, por isso, dizemos que o sentido vai ser uma relação determinada do sujeito, que é afetado pela língua, com a história (ORLANDI, 2012, p. 47).

Os sentidos, então, são produzidos pela leitura e entendemos que os mesmos não se produzem apenas a partir do que está dito, materializado, mas, também, que os sentidos podem ser produzidos a partir do que não foi dito, do que foi silenciado. Trazendo para nossa pesquisa, entendemos que tanto o etc. quanto as reticências são utilizados para marcar dizeres silenciados, mas que produzem sentidos a partir do trabalho do leitor que, enquanto sujeito que é determinado historicamente, interpretará e reconstruir o efeito-texto.

Gallo (1994) afirma que o efeito-texto consiste no efeito de realidade e unidade do enunciado. Para a autora, o efeito-texto relaciona-se ao efeito de fechamento da linguagem, enquanto para Indursky o efeito-texto consiste na ilusão de fechamento e estabilização dos sentidos.

Assim, acreditamos que o efeito-texto é um efeito necessário, tanto para sujeito-autor quanto para sujeito-leitor, de fechamento. Dito de outra forma, autor e leitor precisam ter a ilusão de fechamento da materialidade linguística que é o texto, bem como necessitam ter a ilusão, como disse Indursky, da estabilização dos sentidos, como se os sentidos e o texto/discurso acabassem com um ponto final.



## 2. OS OBJETOS DE ANÁLISE

Como já dissemos, nosso trabalho tem como proposta realizar um estudo discursivo da abreviatura etc. comparado com o sinal de pontuação, reticências, pelo viés da leitura, da interpretação e da escritura. Desta forma, julgamos necessário que, antes de pensar esses dois objetos de análise, sob a perspectiva da Análise de Discurso, façamos uma reflexão, mesmo que breve, sobre as concepções linguísticas tanto do etc. quanto das reticências, para que, depois, possamos chegar a noções discursivas.

As noções linguísticas desses objetos de análise são de extrema importância para que cheguemos a um enfoque discursivo, pois é por não concordar com os conceitos dados por dicionários e gramáticas da língua portuguesa aos nossos objetos, que estamos propondo outro olhar, outro enfoque, que descarta conceitos únicos e que considera tanto o etc. quanto as reticências como lugares de produção de sentidos, ou seja, lugares que se abrem como possibilidades de sentidos diversos.

### 2.1 A concepção linguística do etc.

Para iniciarmos uma análise da concepção linguística do etc. acreditamos que seja importante pensar esse termo na sua origem. Para isso, trouxemos o que nos diz o *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, de Alfred Ernout et Antoine Meillet:

etcætera (caeterus, caetera, caeterum) forma clássica primitiva. A conjunção et que equivale ao "e" do português; caetera é um plural neutro (pode ser nominativo ou acusativo, que são iguais, dependendo da função sintática) cujo significado é "outras coisas". Em latim, havia caetera, cetera, e até coetera (mais rara), como os ditongos ae e oe passaram a se pronunciar simplesmente "e", hoje, a maioria dos dicionários passou a usar simplesmente cetera. O significado é sempre o mesmo, ou seja, outras coisas. Portanto, podemos encontrar as três formas, cetera, caetera e coetera, com o mesmo sentido.

Continuando a busca, em documentos mais atuais, o que encontramos são sempre os mesmos dizeres, as mesmas ideias, expressas acima. Parece que, de uma forma geral, o etc. é um termo considerado de pouco valor semântico, já que significa “e outros”, “e o restante”. E o que temos, em dicionários e gramáticas da língua portuguesa, é sempre uma ideia de sobra, de resto.

Ainda com uma concepção linguística, mas aparentemente buscando um enfoque além do de resto e sobra, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, nos traz, primeiramente, a significação da abreviatura – etc. é a abreviação de etcetera – para, logo abaixo, nos dizer o significado da palavra: 1. e outras coisas (encerrando enumeração como informação genérica e, ao mesmo tempo, conclusiva, definitiva ou comprobatória da extensão do que vinha sendo enumerado) 2. e assim por diante.

Parece-nos que a definição desse dicionário vai um pouco além da ideia de resto e sobra. Temos o etc. sendo usado para a enumeração que, pode apresentar uma ideia genérica ou, ainda, uma ideia de conclusão e/ou de definição. Quando temos uma ideia de conclusão ou de definição, parece haver uma credibilidade maior no uso do etc. Isso porque, *a priori*, seu uso não se resumiria em sentidos de resto e sobra. Já quando temos a definição, ainda de acordo com o dicionário Houaiss, de encerramento de enumeração genérica, voltamos a ter um sentido de resto e sobra, onde o sujeito-leitor pode, na sua leitura, terminar, ou não, a enumeração feita pelo sujeito-autor.

Buscando informações na Internet sobre a abreviatura, além de encontrarmos essa mesma ideia de resto e sobra, também é possível encontrar o etc. sendo utilizado em nomes de estabelecimentos comerciais ou em sites/blogs que almejam deixar o nome com significado vago para que, assim, possam fazer publicações variadas, sem que, necessariamente, tenham um ponto em comum.

Ainda com relação à Internet, especificamente tratando de imagens, o que encontramos, além de meras imagens com diferentes fontes de letras e de o etc. estar sendo usado com abreviatura em nome de algum estabelecimento comercial ou programas da Internet, são formas com tons de ironia para tratar da referida abreviatura. Assim, temos, por exemplo, “escrever tanto cansa” ou, ainda, imagens dizendo que o etc. é usado quando o autor do texto não consegue pensar em nada melhor.

De qualquer forma, o que temos, é sempre uma ideia de pouca importância para essa abreviatura, como se ela pudesse ser usada sempre que o leitor não tem mais vontade, ou inspiração para escrever, ou ainda, quando já está cansado de escrever.

Ainda na Internet, encontramos um site, chamado Desciclopédia – A enciclopédia livre de conteúdo<sup>6</sup>, que trata do etc. de forma irônica mostrando que

O etc. ou ‘etcetera’ significa que há outras porcarias pra colocar, só que o inútil escritor não se lembra, ou está com preguiça de colocar tudo.

---

<sup>6</sup><http://desciclopedia.org/wiki/Etc>.

Basicamente uma palavra de descanso, quando os calões já não conseguem escrever mais, usam esta palavrinha; pode significar ainda que, quem está escrevendo não tem mais exemplo nenhum para citar, mas precisa dar impressão de que tem uma porrada deles só para parecer que é inteligente [...]. Resumindo o etc. pode ser usado na preguiça, ou em caso de falta de tempo e também bem como na falta de respostas, quando você não sabe mais nada [...].

Notamos aí, mesmo com o etc. sendo tratado através da ironia, que a ideia de resto e de sobra, de uma abreviatura de pouca importância, permanece retratada pelas palavras porcarias, preguiça, descanso, falta de tempo e falta de respostas.

Assim, acreditamos que, a partir das definições encontradas para o etc., há um efeito de sentido em comum: apesar da ideia de resto e sobra, o etc. representa que há algo além daquilo que está expresso através da materialidade linguística do texto; que há algo a mais para ser dito, mas que, por alguma razão, não foi dito.

Parece-nos que, em todas as suas formas de uso do etc., nessa concepção linguística, o autor “transfere” para o leitor. Como se dissesse: “aqui, é uma continuação lógica, e estou cansado de escrever – ou não tenho mais interesse, acho irrelevante continuar essa enumeração – então, se o leitor desejar, complete”. Assim, isso nos leva a supor que o uso do etc. é um apagamento, um silenciamento, de palavras, de dizeres, que não foram ditos, mas que ficam pairando nesse espaço produzido pelo uso da abreviatura em questão.

É possível pensar que o etc. produz um silêncio de dizeres que é linguisticamente marcado por essa abreviatura, e que este silenciamento é percebido pelo leitor que irá preenchê-lo de acordo com suas condições de produção de leitura. Assim, o etc. é uma lacuna deixada “propositalmente” pelo autor para que os leitores do texto preencham, ou não, essa lacuna com seus sentidos.

Nessa concepção linguística, o que entendemos é que a interpretação do etc., por parte de um leitor, será sempre a mesma do autor, já que a abreviatura é utilizada, em geral, para designar sequência lógica. Daí, cria-se a ilusão de que todo o emprego do etc., independente do contexto em que esteja inserido, produzirá as mesmas interpretações, mesmo que sejam feitas por diferentes leitores.

É nesse momento que nossa análise discursiva do etc. inicia, na tentativa de mostrar que essa abreviatura nem sempre será uma sequência lógica onde todos terão as mesmas interpretações, desmistificando, assim, a concepção linguística do etc.. As leituras possíveis para o etc. dependerão de determinadas condições de produção de

leitura, de determinado contexto textual em que está inserida e que, assim, poderão surgir diferentes gestos interpretativos.

## 2.2 A concepção linguística das reticências

Antes de iniciarmos uma reflexão acerca do significado linguístico que é dado às reticências, acreditamos ser necessário, pensar, mesmo que de forma muito breve, sobre a pontuação, já que as reticências, de acordo com a gramática normativa (GN), se enquadram nessa classificação.

A palavra pontuação tem sua etimologia francesa, *ponctuation*, que significa ato ou efeito de pontuar um texto (Houaiss, 2009. p.1524). Alain Rey (1997, p.33), vai nos dizer que a palavra pontuação não apareceu antes de 1530, o que vai corresponder à época da difusão da imprensa na França.

Na Antiguidade Clássica, a pontuação era "preferentemente subordinada ao perfil melódico da cadeia falada e às pausas respiratórias mais nítidas" (Houaiss, apud Mattos e Silva, 1992). Já na Idade Média, partindo desse conceito da Clássica, a pontuação era empregada "num sentido progressivamente lógico-gramatical" (HOUAISS, apud MATTOS e SILVA,1992). Seguindo a cronologia, na Era Medieval e no Renascimento, a pontuação passa a ser difundida em duas ramificações: a do ritmo respiratório e a lógico-gramatical – duas questões que perduram até hoje.

Segundo Tournier (1980), a primeira obra que se referiu à pontuação foi escrita por Jean Heylin e chamou-se *Compendiosus dialogus –obra impressa em 1471, em Paris*.

Ainda prevalecendo os conceitos gramatical e respiratório, para o uso da pontuação, nos séculos XVII e XVIII havia uma predominância da pontuação ser pensada pelo conceito gramatical. Assim, surgia a ideia, que permanece nos dias atuais, de que a pontuação tinha um papel lógico a exercer.

Tournier (1980, p.29) salienta que a melhor reflexão sobre a pontuação encontra-se em Beauzee:

A escolha da pontuação depende da proporção que é conveniente de estabelecer entre as pausas; e esta proporção depende da combinação de três princípios fundamentais: 1º a necessidade de respirar; 2º a distinção de sentidos parciais que constituem o discurso; 3º a diferença de graus de

subordinação que convém a algum destes sentidos parciais no conjunto do discurso.

Dizemos, então, novamente, que essas concepções acerca das funções e do uso dos sinais de pontuação permanecem até hoje, se considerarmos a pontuação apenas como regra gramatical para separar orações ou, ainda, para dar pausas à respiração.

Ainda segundo Tournier (1980), o estudo dos sinais de pontuação teve dois momentos bastante importantes: um no final dos anos 30 e outro nos anos 70. Ainda de acordo com Tournier, dentre esses dois momentos, o mais significativo aconteceu nos anos 70, em 1973, na França, com uma mesa redonda intitulada “Mesa redonda internacional sobre a estrutura da ortografia”.

Apesar de algumas mudanças, com relação ao uso, na história da pontuação, parece haver uma ideia geral de que a pontuação serve para facilitar a leitura e a compreensão dos textos, ou até mesmo para facilitar a comunicação.

Prosseguindo nessa mesma linha de pensamento, de normatização da pontuação, seguem as gramáticas normativas que nos dizem que os sinais de pontuação são recursos gráficos, próprios da linguagem escrita, que têm como objetivo estruturar os textos e, além disso, estabelecer entonações e pausas no processo da leitura.

As gramáticas também nos dizem que, em geral, a pontuação possui três finalidades: a de separar palavras, expressões e/ou orações que devam ser destacadas no texto; a de assinalar a entonação no momento da leitura, e uma função de esclarecimento do sentido da frase – função essa que, segundo as GNs, afastam os sentidos ambíguos.

Assim, o que temos, tanto nas gramáticas normativas quanto nos dicionários de língua portuguesa, são dizeres que não vão além de conceitos mecanizados, em que a pontuação tem como função principal separar unidades significativas, frases, palavras, ou expressões, com a finalidade de tornar mais claro o texto, com suas pausas e entonações devidamente marcadas pela pontuação.

Pensando nas reticências enquanto sinal de pontuação, as GNs consideram que esse sinal de pontuação é usado para marcar uma suspensão da frase. Também vão nos mostrar que as reticências podem indicar: continuidade de ação ou fato, representar hesitações comuns na língua falada, para realizar citações incompletas e para indicar uma suspensão ou interrupção do pensamento – noção esta mais conhecida e utilizada por quem emprega esse sinal de pontuação.

Fazendo uma busca na internet, a respeito das reticências, encontramos uma definição bastante interessante em um *site* chamado “Só Português”: as reticências podem ser usadas para deixar o sentido da frase em aberto, permitindo uma interpretação pessoal do leitor.

Assim, apesar de parecer que apenas com o uso das reticências o leitor pode interpretar, temos uma noção que foge, um pouco, à tradicional, pois temos esse sinal de pontuação tomado com um espaço aberto, que, mais adiante, chamaremos de “brecha”, pensando de uma forma discursiva.

O que temos, nessa definição dada pelo *site*, é uma visão mais ampla das reticências, onde elas não são consideradas, apenas, um mero sinal de pontuação, mas um sinal que abrirá para interpretação de quem lê. Apesar disso, o *site* refere-se à “interpretação pessoal” que nos parece um conceito contraditório, já que toda interpretação é pessoal, pois cada leitor realiza sua interpretação interpelado por diferentes condições de produção e pela ideologia, como um gesto marcado pelo imaginário do lugar social em que está inscrito.

Nesse mesmo *site*, ainda encontramos outro comentário acerca das reticências, e do sinal de exclamação, em que trata a mesma como um sinal gráfico subjetivo, de grande poder de sugestão e rico em matrizes melódicas e que é um valioso auxiliar na linguagem poética e afetiva. Pensar nas reticências como um sinal subjetivo afasta esse sinal de uma visão tradicional, imposto pelas GNs, visto que, *a priori*, o que é subjetivo, não é, obviamente, objetivo e, por essa razão, abre para a interpretação do leitor. Interpretação essa que vai depender das vivências do mesmo.

Não obstante a isso, esse posicionamento teórico, também não se aproxima daquilo que estamos buscando compreender em nossa dissertação porque não estamos pensando em subjetividade, tampouco acreditamos que apenas em “momentos subjetivos” do texto, o leitor possa interpretar. Ao contrário, acreditamos que o sujeito sempre interpreta, é sempre instado a interpretar. Além disso, nosso interesse é compreender como os sujeitos da pesquisa atribuem sentidos às reticências.

Voltando à GN, trazemos Francisco da Silveira Bueno (1956, p. 463) que, a respeito das reticências, vai nos dizer que: “Empregam-se as reticências para indicar: 1) falta de palavras que não foram escritas; 2) suspensão do pensamento para aumento da emoção”. Assim, dessa definição, chamamos a atenção para o primeiro item, “falta de palavras que não foram ditas”. Essa expressão se aproxima da concepção linguística do etc. e, ao mesmo tempo, também se aproxima do enfoque discursivo que daremos

tanto ao etc. quanto às reticências, no que diz respeito ao fato de que há palavras que não foram ditas, que estão pairando. Palavras essas que significam, mesmo sem terem sido ditas. Temos, então, as reticências vistas não mais como um “buraco”, ou um vazio, mas um espaço de palavras que não foram ditas, mas que pairam no discurso.

### **2.3 Etc. e reticências: um enfoque discursivo**

Feito um breve estudo a respeito da concepção linguística de nossos objetos de análise, iniciamos, neste momento, em um ponto que é mais relevante para nossas análises: a concepção discursiva do etc. e das reticências. Desta forma, chegaremos a um de nossos objetivos que é o de mostrar que o etc. não significa apenas resto e sobra, e que as reticências não são apenas uma suspensão do pensamento, mas que, em um determinado contexto, a partir de determinadas condições de produção de leitura, tanto o etc. quanto as reticências podem produzir diferentes gestos de interpretação.

Para que iniciemos nossa busca por um enfoque discursivo do etc. e das reticências, acreditamos ser significativo que façamos algumas considerações acerca da pontuação, mas agora, pensando a partir de um enfoque discursivo.

Para tanto, compartilhamos as ideias de Orlandi (2012, p.109-117) no que diz respeito à forma de tratar da pontuação. O que pretendemos, assim como Orlandi, é deslocar o estudo da pontuação do domínio da gramática (e da frase) – como fazem as gramáticas normativas – para o domínio do discurso. Pensando desta forma, ainda segundo as ideias de Orlandi<sup>7</sup>, consideramos que os sinais de pontuação podem ser considerados como uma manifestação da incompletude da linguagem.

No caso das reticências, e por que não do etc., podemos pensar que seria um lugar de incompletude que é marcado linguisticamente. Sabemos que todo discurso é marcado pela incompletude, mas nos parece que tanto as reticências, enquanto sinal de pontuação, quanto o etc., enquanto uma abreviatura são lugares de incompletude, marcados linguisticamente pelo sujeito-autor na materialidade do texto.

Voltando à pontuação, não desconsideramos o fato de que a mesma seja uma forma de organização do texto, para que esse não seja uma sobreposição de palavras, e que sirva para dar uma dimensão ao discurso no espaço do texto – os sinais de

---

<sup>7</sup> Id.,2012, p. 109-126.

pontuação seriam um instrumento para dimensionar o texto (ORLANDI, 2012, p.116). No entanto, também acreditamos que a pontuação pode ser a forma de perceber a atualização da memória, do interdiscurso através da materialidade do texto.

Lembramos que o texto, sob nossa perspectiva discursiva, é considerado como a materialidade do discurso e, por isso, é um espaço de sentidos onde as marcas de pontuação representarão uma relação de sentidos.

A pontuação, na perspectiva discursiva traçada até aqui, vai servir para “marcar divisões, para separar sentidos, para separar formações discursivas, para distribuir diferentes posições dos sujeitos na superfície textual. Elas indicam modos de subjetivação”, conforme nos aponta Orlandi (2012, p.116).

Examinando a pontuação sob essa perspectiva discursiva, para além dos limites da gramática, da frase, percebemos que é uma questão teórica mais ampla do que se poderia imaginar. Nessa perspectiva, não temos mais os sinais de pontuação vistos como meras marcas que servem apenas para marcar pausas e facilitar a leitura. O que temos aqui, vai muito além disso. É um trabalho que envolve sentidos, ideologia, posições sujeito, formações discursivas. Dito de outra forma, trabalhar com a pontuação é trabalhar diretamente com produção e sentidos.

Voltando aos nossos objetos de análise, o etc. e as reticências, trazemos, inicialmente, Indursky:

Ao preencher as “brechas” produzidas por sua prática discursiva de leitura, o sujeito-leitor reconstrói o texto, dá-lhe uma nova estruturação, igualmente heterogênea e provisória. (...) Essas “brechas” são preenchidas pela produção da leitura, à luz da memória discursiva (2001, p.39).

Dessa forma, partilhando das ideias de Indursky, dizemos que tanto o etc. quanto as reticências são um espaço, uma brecha, que abrirá para a interpretação do sujeito-leitor quando submetido ao processo de leitura e interpretação. Dizemos, ainda, que este espaço é linguisticamente marcado, visível, já que parece haver um convite, por parte do autor, para que o leitor realize sua interpretação. É como se, nesse espaço, o sujeito-leitor tivesse maior liberdade de interpretação.

Quando o autor emprega um etc. ou as reticências, ele tem a ilusão de que o leitor só interpreta nesse espaço, ou seja, como se o leitor, nesse espaço, tivesse maior liberdade de interpretação, e que, no restante do texto, a interpretação fosse única. No entanto, entendemos que essa liberdade é ilusória, uma vez que o leitor, sob a nossa



perspectiva discursiva, sempre interpreta, já que não há sujeito sem sentido nem sentido sem interpretação.

Assim, parece-nos que, ao utilizar o etc. ou as reticências, o sujeito-autor convida o leitor de seu texto a interpretar, a preencher esse espaço, essa lacuna, que o uso do etc. e das reticências produz. É como se o leitor, ao ler o etc. e/ou as reticências, acreditasse que é preciso preencher o espaço.

Pensando dessa forma, voltamos à incompletude, pois entendemos que tanto o etc. quanto as reticências são marcas da incompletude do discurso; uma sinalização que marca que o dizer não está completo, que foi suspenso. E é essa marca de incompletude que possibilita a produção de diferentes sentidos.

Segundo Orlandi (2007, p. 47), “É a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia”. Assim entendemos nossos objetos de análise, como possibilidade de sentidos, como marcas linguísticas que transitam em diversos discursos, materializados em texto, e que, por isso, se apresentam como marcas polissêmicas.

Pensando nas questões de leitura e interpretação pelo viés das reticências, Grantham nos dirá que esse sinal de pontuação coloca “um sentido que não é fechado pelo autor, que não é evidente, ou que, pelo menos, não é expresso” (2009, p.132). Indo por essa linha, a autora ainda nos diz que as reticências vão representar uma lacuna, mas nunca um vazio de significados. Pelo contrário, é um espaço silenciado, marcado linguisticamente, que é carregado de sentidos, que irão depender das condições de produção de leitura.

Partindo do mesmo princípio que Grantham, mas a respeito do etc., Franco (2011) escreve que é possível pensar nessa abreviatura “como uma lacuna, como uma ausência que materializa um espaço para ação do leitor, já que é um espaço em que se deixa de dizer” (p.49).

A diferença, segundo Franco<sup>8</sup>, é que “diferentemente do que ocorre com as reticências, o sujeito-autor, quando emprega um etc., tenta dar um efeito de fechamento a seu texto, como se aquilo que ali não é dito estivesse ainda sob seu controle”.

Podemos pensar, então, no etc. e nas reticências, como lacunas carregadas de significados, de sentidos que vão depender, como veremos em nossas análises, das condições de produção de leitura que envolvem questões como a ideologia e a formação

---

<sup>8</sup> Id., 2011, p. 49.

discursiva em que se inscreve o sujeito-leitor. Portanto, podemos pensar que a atribuição de sentidos às reticências e ao etc. é uma questão de leitura.

Referindo-se às reticências, tomando-as como um espaço lacunar, Grantham nos diz que

[...] o sujeito que “preenche” o espaço lacunar o faz determinado ideologicamente, inscrito em uma formação discursiva, assumindo uma certa posição-sujeito. E, por este motivo, preenche esse espaço de uma forma e não de outra, produz um certo sentido e não outro. (2009, p. 132)

Da mesma forma, pensamos o etc.: vai ser lido, preenchido, a partir de determinadas condições de leitura, onde o sujeito-leitor é determinado ideologicamente, inscrito em uma FD e, conseqüentemente, assumindo uma e não outra posição-sujeito.

Continuando por esse caminho, entendemos o etc. e as reticências como uma presença-ausência: presença pelas marcas linguísticas que representam, e ausência pelo não-dito. E é esse não-dito que nos interessa. Esses dizeres que foram silenciados, mas marcados linguisticamente, transbordam sentidos, os quais o sujeito-autor do texto optou por não dizer, que pairam, que são recuperados pelo leitor, no interdiscurso. Assim, entendemos o etc. e as reticências sempre como um acréscimo e nunca como falta de sentidos.

Essa ideia de dizeres que não foram ditos, nos leva a pensar em outra questão, o silêncio. Para tanto, trazemos Orlandi que apontará que “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significante”(2007, p.23).

Desta forma, pensamos que nossos objetos de análise poderiam, também, ser uma marca de silêncio no texto. Sabemos que a linguagem implica silêncio, mas nos parece que, ao empregar o etc. e/ou as reticências, o sujeito-autor marca esse silêncio que é constitutivo da linguagem. Silêncio esse que significa, que não é o vazio, que não tem história, como nos disse Orlandi.

Ainda segundo essa autora, “o silêncio é a garantia de sentidos”<sup>9</sup>. Trazendo essa afirmação para nossa pesquisa, podemos pensar que tanto as reticências quanto o etc. são marcas que garantem a produção e a circulação de sentidos que, como já dissemos, dependerão das condições de produção de leitura.

---

<sup>9</sup> Id., 2007, p. 23.

Continuando com as reflexões de Orlandi, esta autora salienta que “A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente” (Op. cit., p. 27). Entendemos, então, que na materialidade do texto, há uma estabilização de sentidos, de possibilidades de leituras, mas no caso das reticências e do etc. nos parece que os sentidos poderão se mover largamente; é como se o emprego do etc. e das reticências possibilitasse maiores possibilidades de sentidos do que o restante do texto. Assim, não pensamos no silêncio como falta, mas sempre como um lugar de abundância de sentidos.

Em outro texto, Orlandi destaca que

As reticências são signos de silêncio, presença de uma ausência anunciada. Um acréscimo radical que abre para tudo, para qualquer coisa. Não é o vazio: elas marcam o lugar de um acréscimo possível, mesmo necessário, livrado à memória, aberto ao efeito leitor. Presenças que aludem a uma ausência apenas delineada. (2012, p.121)

Assim, podemos pensar nessa reflexão também com relação ao etc.. Este, por sua vez, também é um signo que representa silêncio, um acréscimo que não foi dito, ou algo que está para ser dito, expresso da materialidade do texto. E também pode ser pensado como uma presença que alude a uma ausência, se considerarmos o próprio etc. como a presença e o fato de ele marcar dizeres silenciados, como a ausência.

### 3. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Após ter construído nosso dispositivo teórico, discutindo noções da Análise de Discurso e fazendo as devidas relações com nossos objetos de análise, as reticências e o etc., bem como traçando enfoques discursivos para os mesmos, passamos, neste capítulo, a nos ocupar do dispositivo metodológico.

Para isso, faremos algumas considerações gerais sobre o que a AD entende por metodologia e, logo em seguida, apresentaremos o processo de construção da metodologia, mostrando os recursos de que nos utilizamos para a análise de nosso *corpus*.

#### 3.1 Considerações gerais

Entendemos que a Análise de Discurso não é uma teoria que possui uma metodologia de análise pré-pronta, em que pesquisamos sobre determinado assunto e fazemos a aplicação dos resultados na teoria. Ao mesmo tempo, também entendemos que a AD é uma teoria de interpretação e, por isso, podemos pesquisar sobre qualquer objeto e pensá-lo a partir dessa perspectiva discursiva, uma vez que entendemos que estamos sempre interpretando.

Desta forma, é preciso que o analista de discurso descubra qual a melhor forma de utilizar a Análise de Discurso em sua pesquisa. Ou seja, a partir do recorte teórico-metodológico que o analista fizer, diferentes caminhos poderão ser percorridos. Tratamos de recorte teórico-metodológico porque, de acordo com que salienta Mittmann (2010, p.153), “nossa análise parte, em primeiro lugar, de um olhar específico, determinado pelo quadro epistemológico defendido por Pêcheux e Fuchs já em 1975, em que se unem o histórico e o linguístico numa teoria do discurso atravessada pela teoria psicanalítica”.

Assim, assinalamos que, por não ter um método próprio, específico de pesquisa, na Análise de Discurso o processo de metodologia não é linear, visto que a cada trabalho em AD o “novo” se instaura.

Importante lembrar que entendemos o texto enquanto materialidade linguística do discurso e é a partir dessa materialidade que o analista se insere a fim de

refletir sobre questões como as condições de produção do discurso bem como a relação de produção e leitura.

Na materialidade do texto, o analista busca pistas reveladoras de formações discursivas, ideologia, gestos interpretativos. Assim, entendemos que em AD, o analista de discurso não pretende abordar todas as questões teóricas em um único trabalho de pesquisa, mas que busca trabalhar com questões teóricas que sejam pertinentes e relevantes ao seu estudo.

Em nossas análises, procuramos, como aponta Mittmann (2010, p.153), “desvendar os processos discursivos que levam às imposições como evidência [...]” para que, desta forma, possamos chegar aos nossos objetivos.

E para que pudéssemos ter nosso *corpus* de análise e ir em busca de nossos objetivos, percorremos alguns caminhos. O primeiro foi a escolha do texto de aplicação. Após muitas pesquisas em livros e na Internet, encontramos, nesta, uma imagem que nos chamou a atenção. Esta imagem pertence a um *site* chamado “*Life etc.*”<sup>10</sup>, que está sob o “domínio” de uma mulher chamada Magali Vaz de Mumbai. Esta diz ter criado o *site*, em 2009, para discutir acontecimentos de sua vida. Assim, a autora escreve sobre assuntos que considera atuais e, também, publica fotos de momentos da sua vida.

A escolha desse texto verbo-visual deu-se pelo fato de acreditarmos que os sujeitos-leitores do mesmo, teriam uma maior liberdade de interpretação, mesmo que essa liberdade fosse ilusória.

Feita a escolha do texto, passamos à aplicação. Em um primeiro momento, o referido texto foi submetido a alunos que cursam o segundo ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, localizada na cidade de Rio Grande. Esses estudantes participaram de duas etapas: na primeira, receberam o texto com as reticências e com o comando “Leia o texto abaixo e complete o espaço das reticências com suas ideias”; na segunda etapa, os mesmos alunos receberam o mesmo texto, porém, com outro comando: “Leia o texto abaixo e complete o espaço do etc.”<sup>11</sup> com suas ideias”, conforme ilustração abaixo:

---

<sup>10</sup> <http://www.magalic.com/p/about-life-etc.html>

<sup>11</sup> Nesta etapa, fizemos uma adaptação no texto, através de recursos de computador, já que o mesmo tinha, em sua origem, as reticências. Ou seja, tiramos as reticências do texto e colocamos o etc..





Importante é salientar que esta pesquisa teve sua autorização pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pelotas, em 28 de agosto de 2014, sob o número CAAE - 32418614.8.0000.5339. Também esclarecemos que todos os alunos receberam o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>12</sup> e tanto eles quanto seus responsáveis concordaram em participar da pesquisa.

Com os textos produzidos pelos sujeitos-leitores, partimos, então, para o processo de criar uma metodologia capaz de apresentarmos nossa análise de maneira consistente.

### 3.2 A construção da metodologia

Frente a nosso *corpus* empírico<sup>13</sup>, precisamos pensar em uma metodologia de análise, a partir da perspectiva discursiva, que desse conta de nossos objetivos e de nossas indagações. Para isso, nos utilizamos de algumas possibilidades que a Análise de Discurso nos oferece.

Com fins metodológicos, chamaremos o texto de aplicação de TEXTO-BASE (TB).

Seguindo-se a isso, a partir da materialidade linguística que tínhamos em mãos, ou seja, dos textos produzidos pelos alunos, fizemos nosso gesto de analista e buscamos coletar as sequências discursivas de referência que, segundo Mittmann (2010, p.156), seria “nosso gesto arqueológico de relacionar sequências linguísticas”. Desta forma, tomamos enunciados que revelassem a interpretação do *etc.* e das *reticências*.

Entendemos por sequências discursivas de referência as “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (COURTINE, 1981, p.25), ou seja, sequências reveladoras dos efeitos de sentidos produzidos a partir da interpretação dos textos-base, gestos esses que vão além da materialidade linguística da frase, já que, a partir dessas sequências, encontramos posições-sujeito.

Assim, nosso critério de seleção foi determinado pela presença de pistas capazes de revelar os possíveis gestos de interpretação dos sujeitos-leitores.

---

<sup>12</sup> Anexo A.

<sup>13</sup> Por *corpus* empírico entendemos a materialidade textual, o texto; por *corpus* empírico, entendemos as sequências discursivas de referência. (MITTMANN, Solange, 2010, p. 157)



Essas sequências discursivas de referência<sup>14</sup> (Sdr) foram organizadas, de acordo com os objetivos da análise, em recortes discursivos, tomando como referência, para essa noção, Orlandi (2011, p. 139) quando nos diz que o recorte é uma unidade discursiva, um “fragmento correlacionado de linguagem – e situação”.

Partimos do pressuposto de que estaríamos diante de uma formação discursiva – a FD do discurso dos alunos – e, a partir disso, buscamos configurar as posições-sujeito que se apresentaram nos textos. Desta forma, esses recortes foram organizados a partir da posição-sujeito assumida pelos sujeitos-leitores. Assim, as diferentes posições-sujeito é que determinaram, em nossas análises, a constituição dos recortes discursivos, bem como as diferenças de sentido. Destacamos, então, momentos de interpretação que nos sugeriram tomadas de posição.

Feitas as análises individuais, partimos para a comparação dos textos a fim de buscar sentidos que se aproximavam, ou não. Isso nos possibilitou apresentar a nossa análise a partir de duas partes: a primeira composta por 3 recortes e a segunda por 1 recorte, conforme demonstramos a seguir:

#### **4.1 Gestos interpretativos do TEXTO-BASE – sentidos que se aproximam**

Recorte 1 – A atribuição de sentidos positivos à vida.

Recorte 2 – A vida feita de momentos que ficam “guardados”.

Recorte 3 – Vida que é injusta e difícil.

#### **4.2 Gestos interpretativos do TEXTO-BASE – sentidos que se distanciam**

Recorte 4 – As diferentes leituras para o etc. e as reticências.

Por último, apresentaremos nossas considerações finais.

---

<sup>14</sup> Importante que salientemos que nas sequências discursivas de referência, respeitamos a grafia dada pelos alunos e, assim, não fizemos as correções gramaticais.

## 4. ANÁLISES DO CORPUS

Neste capítulo, passamos a discutir os gestos interpretativos do *etc.* e das *reticências* a partir da produção textual de nossos sujeitos-leitores do texto-base. Para isso, nos utilizaremos dos procedimentos metodológicos explicitados no capítulo anterior.

### 4.1 Gestos interpretativos do TEXTO-BASE – sentidos que se aproximam

#### RECORTE 1 – A atribuição de sentidos positivos à vida

Neste recorte, apresentamos sequências discursivas de referência de sujeitos que se inscrevem em uma posição-sujeito que atribui sentidos positivos à vida. Assim, dentre 17 alunos que realizaram a atividade, 4 sujeitos se colocaram nesta posição.

##### Sujeito 1 – atribuição de sentidos para o *etc.*

**Sdr1:** “A importância das pessoas serem no mínimo agradáveis é essa, é viver e pronto, é tratar bem, é ser humilde e honesto é ser tudo o que quiser, mas, sempre carregando o bem dentro de si, pois assim é a única forma para expressar uma palavra tão pequena com um sentido enorme”.

##### Sujeito 1 – atribuição de sentidos para as *reticências*

**Sdr2:** “A vida faz reconhecer que vale a pena acordar todos os dias e agradecer. [...] viver é ser feliz, é deixar de ser vítima dos problemas que nos impõe. [...] Viver é agradecer todos os dias por essa dádiva, é fazer amigos e cultivar os antigos é ser feliz pois cada dia é único e se não vivenciarmos intensamente perderemos o melhor da vida que é ser feliz e único”.

##### Sujeito 2: atribuição de sentidos para o *etc.*

**Sdr3:** “Fotografar é uma arte, é o registro da luz, que nos proporciona eternizar os momentos mais marcantes de nossas vidas”.

##### Sujeito 2: atribuição de sentidos para as *reticências*

**Sdr4:** “A vida é uma beleza, apesar de difícil!! Há quem lute tanto, passe por inúmeras dificuldades, passa trabalho e ainda assim é possuidor de um grande bem que é a felicidade.”

**Sujeito 3: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr5:** “Life não foi dito ser vida à toa pois tem as letras que formam as palavras que dizem como é a vida, o L significa (Linda), o I (interessante), o F (fantástica) e o E (especial)”.

**Sujeito 3: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr6:** “A vida é o motivo para estarmos na terra, todos temos uma vida e temos que usar da melhor maneira tanto para si quanto para os outros. E só um momento que passamos na vida uns passam mais tempo e uns menos tempo da maneira de como levam a vida portanto cuide da sua”.

**Sujeito 4: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr7:** “Vida tão doce como o cheiro doce das flores do belo e florido campo”.

**Sujeito 4: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr8:** “Tão preciosa e com um tempo tão curto para se desperdiçar”.

A partir destas sequências, entendemos que esses sujeitos-leitores assumem uma posição-sujeito que acredita na vida e que a caracterizam com palavras que produzem sentidos positivos, considerando-a, como afirma o **sujeito 1**, uma “dádiva”. Para o referido sujeito, a vida é feita para ser feliz, e para que a felicidade aconteça, é preciso se impor diante dos problemas, tentando resolvê-los, fazer amigos e cultivar os que já temos. Feito isso, provavelmente se atinja a felicidade.

Com os enunciados produzidos pelo **sujeito 2**, podemos compreender que ele continua atribuindo sentidos positivos à vida, mas, também, vai relacioná-la com a fotografia, atestando que é através desta que os momentos vividos podem ser eternizados.

Além de acreditar que os momentos da vida são eternizados pela fotografia, esse sujeito considera o ato de fotografar como uma arte e como um registro da luz. E é essa arte e esse registro da luz que permitirá o registro dos momentos da vida e, como consequência desse registro, a eternidade dos momentos.

Quando esse autor escreve “eternizar os momentos mais marcantes de nossas vidas”, podemos refletir, a partir do que está dito, posto, que o que não está dito é que os momentos que são registrados através da fotografia são marcantes e os momentos

que não são registrados dessa forma, não foram marcantes para a vida. Então, a partir dos ditos, conseguimos entender o que não foi dito, que foi silenciado pelo sujeito.

Ao ler as *reticências*, o **sujeito-leitor 2** não produz exatamente a mesma leitura do *etc.* Assim, esse leitor interpreta o *etc.* e as *reticências* de formas distintas, produzindo diferentes sentidos para nossos objetos de análise.

Esse leitor dirá que a vida é boa, apesar das dificuldades e que há muitas pessoas que passam por essas dificuldades, mas que, mesmo assim, são felizes.

Apesar de produzir sentidos diferentes, ainda encontramos um ponto em comum, que é o de atribuir sentidos e/ou significados à vida. Na leitura do *etc.*, esse sujeito o significa dizendo que a vida é feita de momentos que marcam nossa história e que é através da fotografia que podemos eternizá-los. Já na leitura das *reticências*, vai caracterizar a vida como sendo uma “beleza” apesar das dificuldades encontradas.

Salientamos, ainda, que esse sujeito não se dá conta de que a fotografia é uma marca visual de momentos vividos, mas que esses momentos serão re(significados) a partir de outras condições de produção de leitura, ou seja, ao visualizar a fotografia, o sujeito e os sentidos já serão outros.

Assim, acreditamos que, apesar de os sentidos dados ao *etc.* e às *reticências* se distanciarem, ainda encontramos um ponto de intersecção que é a vida. Ou seja, tanto para a leitura do *etc.* quanto das *reticências* o leitor realiza seu gesto de interpretação trazendo sentidos relativos à vida.

De acordo com a **sequência 5 (sujeito 3)**, representativa do gesto de interpretação do *etc.*, temos um sujeito que continua a atribuir sentidos positivos à vida, mas de uma maneira um pouco diferente: atribuindo um significado a cada letra da palavra vida, escrita em inglês – life – no texto submetido ao processo de leitura e interpretação. Assim, todas as palavras atribuídas às letras de *life* são palavras de sentidos positivos: linda, interessante, fantástica e especial.

Desta forma, é possível interpretar que esse leitor assume uma posição-sujeito, a partir da FD dos alunos, a qual acredita que a vida é boa, linda, interessante, fantástica e especial. A partir dessa posição assumida pelo leitor, entendemos que nela não cabem dizeres com sentidos negativos à vida.

Nesse sentido, o **sujeito-leitor 3** quando trata do *etc.*, produz sentidos que apontam para a vida enquanto algo bom. Vai afirmar que é preciso viver a vida da melhor maneira possível, fazendo o bem a si próprio e ao próximo.

Assim, embora nesse gesto interpretativo o sujeito não tenha atribuído explicitamente palavras de cunho positivo à vida, ele não diz que a vida é ruim, tampouco atribui sentidos negativos à mesma. Ao contrário, vai continuar valorizando a vida através de outros dizeres.

Na **sdr7 (sujeito 4)**, temos um sujeito que assume uma posição ideológica, seguindo na mesma linha dos outros sujeitos, cuja posição acredita que a vida pode ser comparada a coisas boas, assim como o cheiro das flores e o campo florido. Para esse sujeito, a vida lembra beleza, esta, por sua vez, comparada com as flores.

Assim, o **sujeito 4** preenche o *etc.* com dizeres que comparam a vida às flores, ou seja, dizeres que nos remetem a sentimentos positivos com relação à vida.

Ao atribuir sentido às *reticências*, esse sujeito-leitor continua atribuindo sentidos positivos à vida. Dirá que esta é “preciosa” e que tem um tempo que é curto e que, por ser curta é preciso não desperdiçá-la. Aqui, esse sujeito trabalha com a noção de tempo cronológico e não com a de tempo discursivo.

Entendemos que se enuncia a partir de determinadas condições de produção e, desta forma, o tempo se realiza no momento da fala/escrita, mas é sempre constituído antes. Reconhecemos que o tempo cronológico é necessário, mas o que nos interessa, enquanto analistas de discurso, conforme explica Braga, é entender que o

tempo discursivizado passa antes pela compreensão de que os mecanismos que permitem ao indivíduo expressar sua experiência temporal, articular (na linguagem) apreensão e medição, são resquícios de um processo constitutivo, que indica a interferência do que é histórico, e ideológico, sobre o discurso efetivamente realizado (2013, p.55).

Com base no que foi dito até aqui, entendemos que esse recorte discursivo nos possibilitou reunir sequências discursivas de referência em que tanto o *etc.* quanto as *reticências* foram entendidos, interpretados, a partir de dizeres positivos com relação à vida. E, para se referir à vida, esses leitores buscaram no interdiscurso dizeres que pudessem compará-la à beleza e ao cheiro doce das flores, como fez o **sujeito-leitor 4**.

Pêcheux, em *Semântica e Discurso* (1988, p. 153-263), afirma que o sentido não é dado *a priori*, não preexiste, não é predeterminado por propriedades linguísticas, mas determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no interior da FD – esta “aparece como o lugar de constituição do sentido”. Afirma que “um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em

sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso” (Op. cit. p. 255-261).

Desta forma, entendemos que esses sujeitos-leitores preenchem o espaço do *etc.* e das *reticências* com sentidos que se aproximam, fazendo com que possamos pensar que, para estes alunos, o *etc.* e as *reticências* não tiveram diferenças significativas a ponto de os gestos interpretativos se mostrarem distintos, ou seja, esses leitores produziram os “mesmos” sentidos para nossos dois objetos de análise. A vida e suas características positivas são representativas dos gestos de interpretação do *etc.* e das *reticências*, fazendo com que esses gestos se aproximem e nos possibilitem, pelo menos neste recorte, a entendê-los com o mesmo funcionamento discursivo.

## **RECORTE 2 – A vida feita de momentos que ficam “guardados”.**

Neste recorte, apresentamos sequências que relacionam a vida a momentos que devem ser guardados, eternizados através da memória ou da fotografia. Este recorte teve um número bastante significativo de alunos (nove) que se inscrevem nesta posição-sujeito. Uma hipótese para esse número significativo de alunos ter assumido essa posição-sujeito seria o fato de estes alunos terem feito uma relação do texto escrito com a imagem da câmera fotográfica.

### **Sujeito5: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr9:** “A vida é feita de momentos e eternizá-los em nossa memória está relacionado com a importância e o valor que damos a cada um, separadamente”.

### **Sujeito 5: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr10:** “Viver é colecionar histórias e fotografar é torna-las sempre recentes”. .

### **Sujeito 6: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr11:** “Em nossa vida temos momentos que por mais que passe o tempo, eles ficarão marcados de uma forma ou outra em nosso pensamento ou em alguma forma material”.

### **Sujeito 6: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr12:** “A todo tempo temos algo que ficará marcado de alguma forma sendo ela positiva ou negativamente, fazendo com que seja escrita a nossa história”.

### **Sujeito 7: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr13:** “A vida é recordar e viver momentos como se eles fossem únicos e inesquecíveis, viver é saber aproveitar cada milésimo, saber viver e lembrar das coisas boas, e das ruins sabendo dar a volta por cima”.

**Sujeito 7: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr14:** “... é amar, respeitar, sonhar, educar, beijar, se entregar de todas as maneiras pra vida, saber respeitar todos e tudo”.

**Sujeito 8 – atribuição e sentidos para o etc.**

**Sdr15:** “Fotografar é viver fatos que serão eternizados para sempre”.

**Sujeito 8 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr16:** “...câmera, usada para salvar momentos que ficarão guardados em fotografias (...)”.

**Sujeito 9 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr17:** “Uma simples câmera pode mudar nossas vidas, ela tem o poder de nos fazer voltar no tempo, recordar momentos bons e ruins, ela captura todos os momentos marcantes da vida, uma pequena câmera captura nossa vida”.

**Sujeito 9 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr18:** “A câmera captura momentos bons e ruins da nossa vida, a fotografia nos faz voltar no tempo, traz de volta sentimentos esquecidos”.

**Sujeito 10 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr19:** “A fotografia é uma maneira de guardar bons momentos, relembrar viagens, relembrar alguém que já foi, é ter um lugar para armazenar as lembranças esquecidas”.

**Sujeito 10 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr20:** “É relembrar o passado esquecido, lembrar os bons momentos, as pessoas, pois talvez essas lembranças podem ser as últimas, e, assim, ter algo gravado para sempre do passado”.

**Sujeito 11 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr21:** “A vida é uma grande fotografia”.

**Sujeito 11 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr22:** “A vida é uma câmera fotográfica onde os melhores momentos ficam marcados na nossa história”.

**Sujeito 12 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr23:** “A câmera fotográfica captura diferentes momentos e diferentes emoções que talvez não sentiremos novamente”.

**Sujeito 12 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr24:** “As lembranças dos velhos tempos ficaram na memória e nos álbuns fotográficos, coisas que talvez não acontecerão outra vez e que não conseguimos e nem queremos esquecer”.

**Sujeito 13 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr25:** “A vida que passa rápido, momentos que não podemos fazer voltar, a câmera nos leva a ver o passado”.

**Sujeito 13 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr26:** “Que passa pelas fotografias tiradas da câmera servem para relembrar momentos bons ou ruins. Ver o tempo que passou, as mudanças que sofremos diariamente”.

Com base nessas sequências, entendemos que esses sujeitos-leitores leem e interpretam o *etc.* e as *reticências* com dizeres que nos levam a entender que a vida é feita de momentos e que esses momentos precisam ficar guardados, eternizados, seja através da memória ou através da fotografia.

Nesse sentido, nos referimos a **sdr9 (sujeito 5)**, em que temos um sujeito-leitor que acredita que a vida é feita de momentos, e que esses momentos necessitam ser eternizados na memória de cada um.

Ao atribuir sentidos às *reticências*, o sujeito-leitor se referirá à vida como um “ato” de colecionar histórias; ato esse que é realizado através da fotografia, a qual faz com que os momentos vividos se tornem sempre presentes.

Nesse gesto interpretativo, o sujeito-leitor, diferentemente do que fez ao preencher o *etc.*, acredita que os momentos são eternizados através da fotografia, que faz com que esses momentos se atualizem a cada vez que se tem contato visual com as fotos e, a partir disso, os momentos da vida são lembrados e, por isso, revividos tornando-se, assim, recentes.

O que faz com que essas duas sequências, produzidas pelo **sujeito 5**, possam ser pensadas a partir de um mesmo recorte discursivo é o fato de elas terem um gesto interpretativo em comum: a vida feita de momentos que devem ser guardados. Assim,



esse sujeito-leitor preenche o *etc.* e as *reticências* com esse dizer, diferenciando apenas a forma como devem ser guardados esses momentos – ou seja, distanciam-se na textualização. Ao atribuir sentidos ao *etc.*, o leitor considera que esses momentos são guardados pela memória; e ao preencher as *reticências*, o mesmo sujeito declara que os momentos da vida são guardados através da fotografia.

Desta forma, entendemos que a fotografia, a partir de nossa perspectiva discursiva, pode trazer à tona, fazer rememorar enunciados que são esquecidos no interdiscurso. Ao visualizar uma fotografia, esses enunciados que estavam esquecidos no interdiscurso emergem e se (re)significam em outras condições de produção.

Assim, o interdiscurso, ou a memória discursiva, vai ser o “lugar” onde estão todos os dizeres e estes, ficam à disposição do sujeito, afetando-o nas diversas situações discursivas em que possa se encontrar. Na mesma perspectiva do que já escrevemos sobre o que Pêcheux ensina, Orlandi (2012, p. 31) declara que o interdiscurso vai ser “(...) aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. (...) o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. E são esses já-ditos, que estão esquecidos no interdiscurso, que sustentarão a base do dizer.

Percebemos, então, um sujeito que relaciona a vida a momentos, ou seja, que a vida é feita de momentos e de histórias que precisam ser guardadas, seja através da memória ou através da fotografia. Nesse sentido, entendemos que esse sujeito acredita poder controlar esses momentos e essas histórias esquecendo que ambos podem, ao serem rememorados, trazer à tona outros sentidos, visto que referidos momentos serão “revividos” em outro contexto sócio-histórico-social. O sujeito esquece que os sentidos sempre podem ser outros.

Com base na **sdr11 (sujeito 6)**, temos um sujeito que acredita que os momentos vividos são guardados pelo pensamento ou por alguma forma material. Esta, por sua vez, não aparece explícita no texto do leitor. No entanto, podemos compreender, a partir do TEXTO-BASE, que essa forma material de armazenar os momentos, se relaciona com a fotografia, uma vez que temos a imagem de uma câmera fotográfica fazendo parte do texto submetido ao processo de leitura e interpretação.

Quando o leitor fala em “pensamento” ou em “memória”, como o **sujeito 5**, esse sujeito enuncia como se fosse um sujeito empírico. No entanto, entendemos que ele não é, pois o sujeito discursivo é tomado enquanto posição, ou seja, um lugar que o indivíduo ocupa para que possa ser sujeito do que enuncia, conforme nos lembra

Orlandi (2012, p.49). Além disso, para que produza sentidos, ele é sujeito à língua e à história. E é isso que o constitui enquanto sujeito. É no discurso que sujeito e sentido são constituídos.

Na interpretação das *reticências*, o **sujeito-leitor 6** afirma que a vida é feita de momentos que ficam guardados, e que são esses momentos que escrevem sua história. Assim, outra vez, esse sujeito acredita, ilusoriamente, ser dono dos sentidos e da sua história.

Nessa sequência representativa do gesto de interpretação das *reticências*, o leitor apresenta um sentido que não havia expressado quando fez a leitura do *etc.*: o de que a vida tem momentos que podem ser marcados de forma positiva ou negativa, ou seja, momentos que podem ser bons ou ruins e que, por isso, podem ficar marcados na história como algo positivo ou negativo.

Apesar de reconhecer que a vida pode ter momentos ruins, que vão marcar a história de forma negativa, esse sujeito-leitor, pode-se dizer, assume uma posição na qual acredita que a vida não é feita só de momentos bons, mas que os ruins o constituem enquanto sujeito e o ajudam a construir sua história no mundo.

Ainda que, ao ler as *reticências*, esse sujeito atribua sentidos que não foram atribuídos ao *etc.*, constatamos, assim como foi possível com o **sujeito 5**, que há sentidos que se encontram em um ponto de intersecção: a vida que é feita de momentos que ficam marcados – guardados – de alguma maneira, seja pela “memória”, pela “fotografia”, pelo “pensamento”, ou por outras maneiras não expressas pelos **sujeitos-leitores 5 e 6**.

Analisando os gestos de interpretação do **sujeito-leitor 7**, constatamos que além de termos dizeres que nos remetem ao fato de a vida ser feita de momentos, mais especificamente, “a vida é recordar e viver momentos”, esse leitor também vai assinalar que esses momentos devem ser vividos como se fossem únicos e inesquecíveis e que, por esses motivos, devem ser aproveitados “cada milésimo”. Quando esse aluno fala em “momentos únicos”, podemos entender que esses momentos da vida realmente são únicos, pois quando são rememorados, através da memória discursiva ou da fotografia, por exemplo, eles são (re)significados, como já dissemos, a partir do lugar social em que nos encontramos enquanto sujeitos do discurso.

Assim, quando falamos em memória na Análise de Discurso, não é da memória cognitiva que estamos a nos referir, mas sim de uma memória discursiva que consiste em todo o saber, todos os dizeres, os já-ditos. A memória discursiva, segundo Orlandi

(2010, p. 21) “é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já-dito que constitui todo dizer”.

Voltando ao **sujeito 7**, observamos, também, que esse sujeito dirá que a vida é feita de lembranças boas e ruins e que a partir destas, é preciso “dar a volta por cima”, ou seja, superar os problemas para que se possa viver as coisas boas. Então, apesar de termos um sujeito que produz outros sentidos que não apenas os relacionados à vida enquanto momentos, continuamos tendo isso como ponto em comum.

Na atribuição de sentidos às *reticências*, esse sujeito nos aponta para outros dizeres que não nos remetem, *a priori*, ao de relacionar a vida com momentos. Na leitura das *reticências*, esse sujeito elenca várias palavras para dizer o que é a vida.

“Amar, respeitar, sonhar, educar, beijar...”, são palavras utilizadas pelo leitor para significar as *reticências* a partir da busca de um conceito para a vida.

Com isso, ainda que esse sujeito, ao ler as *reticências*, não tenha feito menção à vida enquanto momentos, podemos entender que essas palavras que fazem significar a vida podem nos remeter a momentos, uma vez que, ao realizar as ações desses verbos, os mesmos serão concretizados em momentos. Desta forma, acreditamos que, mesmo que utilizando outras palavras, o **sujeito-leitor 4** produz sentidos que se relacionam, tanto para a leitura do *etc.* quanto para a das *reticências*.

Com base **nas sdrs 15 e 16**, entendemos que o **sujeito-leitor 8** produz seu gesto interpretativo com sentidos que se aproximam, uma vez que preenche o *etc.* e as *reticências* com sentidos que nos levam a entender que a câmera fotográfica vai registrar os momentos da vida, e que esses momentos ficam eternizados através da fotografia.

Para esse sujeito-leitor, os momentos da vida são eternizados através da materialidade da fotografia e isso nos faz pensar que, talvez, esse sujeito acredite que toda vez que se tiver o contato visual com a fotografia, os sentidos que vierem à tona serão os mesmos do momento da fotografia.

Assim, esse sujeito não se dá conta que ele ocupa uma posição de sujeito interpelado, pela língua, pela história, pela ideologia, e acredita estar no domínio dos sentidos, sem entender que os sentidos sempre podem ser outros, visto que o momento e o sujeito sempre serão outros.

A cada vez que visualizamos uma fotografia, outra interpretação é feita, outro detalhe nos chama a atenção. Da mesma forma acontece com os textos: fazemos

diferentes leituras porque estamos em momentos distintos, em posições diferentes, em lugares sociais diferentes e, talvez, inseridos em uma FD diferente. E, como já dissemos, as formações discursivas são a projeção da ideologia na linguagem. Ou seja, nos identificamos com uma formação ideológica e, conseqüentemente, nos inscrevemos, ainda que de forma inconsciente, em uma determinada FD que vai determinar o que pode e deve ser dito e, por conseguinte, em uma posição-sujeito que irá se relacionar de uma ou de outra maneira com a forma-sujeito da FD.

Desta forma, entendemos que esse sujeito, que ocupa o lugar de aluno e, por sua vez, está inserido na FD dos alunos, produz sentidos, tanto para o *etc.* quanto para as *reticências*, que vão em uma mesma direção. Ou seja, nas duas leituras, esse leitor produz seu dizer com sentidos relacionados à vida e à fotografia que permite eternizar os momentos vividos.

Também observamos que esse sujeito começa seu texto utilizando as *reticências*, o que nos leva a entender que talvez esse aluno tenha conservado o sinal de pontuação pelo fato de não ter compreendido o comando proposto ou, também, poderíamos pensar que ele estaria sinalizando a incompletude do texto que joga para o passado e aponta para o futuro.

A partir da análise das **sequências 17 e 18 (sujeito 9)**, podemos entender que, assim como o **sujeito 8**, esse sujeito também interpreta o *etc.* e as *reticências* com dizeres relacionados à vida e ao fato de a fotografia registrar os momentos vivenciados que podem ser revividos através da foto.

Nesse sentido, acreditamos que, como acontece com outros sujeitos analisados, esse sujeito tem a ilusão de poder controlar os sentidos. Verificamos isso quando o sujeito enuncia “a fotografia nos faz voltar no tempo, traz de volta sentimentos esquecidos”. Em outras palavras, esse sujeito acredita que, ao visualizar uma fotografia, os mesmos sentidos vão emergir, esquecendo-se que os sentidos não serão os mesmos uma vez que ele poderá estar filiado a outra FD e que o contexto sócio-histórico é outro. Além disso, esse sujeito não percebe que em diferentes momentos, poderá enunciar de uma posição-sujeito diferente.

Então, analisando as **sdrs 17 e 18 (sujeito 9)**, reiteramos que, tanto ao preencher o *etc.* quanto as *reticências*, esse sujeito o faz com sentidos que se aproximam, da mesma forma que vem acontecendo com os gestos interpretativos até aqui analisados.

Também em relação ao **sujeito 10**, temos, novamente, um sujeito que, ao ler e interpretar o *etc.* e as *reticências*, produz sentidos que vão em uma mesma direção, que possuem pontos de intersecção. Além disso, mais uma vez, também encontramos gestos interpretativos que relacionam a vida com a fotografia. Esta, por sua vez, tendo como função o registro de momentos que podem ser lembrados através dela.

A partir das **sequências 21 e 22 (sujeito 11)**, entendemos que esse sujeito desenvolve a ideia da relação que a vida tem com a fotografia e, assim como os outros sujeitos, acredita que a fotografia serve para registrar os momentos da vida.

Desta forma, esse sujeito assume uma posição, marcada ideologicamente, em que acredita que a fotografia pode registrar os momentos vividos. Logo, mais uma vez, nos parece que esse sujeito não se dá conta que a fotografia é apenas um registro visual desses momentos, mas que os sentidos que emergem a partir dela, são “buscados” no interdiscurso, na memória discursiva, e (re)significados a cada vez que se olha uma fotografia e se “revive” esses momentos.

Desse modo, parece-nos que tanto os sujeitos das **sdrs 17 e 18 (sujeito 9)** como os sujeitos das **sdrs 21 e 22 (sujeito 10)** acreditam que os mesmos sentidos vão emergir, esquecendo-se que os sentidos não serão os mesmos uma vez que poderão estar filiados a outra FD e que o contexto sócio-histórico poderá ser outro, ou, ainda, poderão continuar inscritos em uma mesma posição-sujeito e em uma mesma FD, mas produzir outros sentidos. Sentidos que podem vir à tona através de já-ditos oriundos do interdiscurso que determina a FD em que se inscrevem.

Com base nas duas sequências discursivas de referência (**23 e 24**) produzidas pelo **sujeito 12**, constatamos que esse sujeito também produz sentidos relativos à vida e à fotografia. Esse sujeito assume uma posição, no nível do simbólico, que atesta que a fotografia vai registrar momentos e sentimentos da vida que não voltarão.

Desta forma, entendemos que a leitura desse sujeito se aproxima bastante de uma perspectiva discursiva, pois nos parece que reconhece que os sentimentos e os momentos vividos não voltarão iguais, ou seja, serão (re)significados, a partir de outras situações, de outras tomadas de posição.

Ao analisar as sequências discursivas do **sujeito 13**, entendemos que esse aluno, ao ler e desconstruir o texto proposto ao processo de leitura, interpretação e escritura, preenche o *etc.* e as *reticências* com sentidos que nos levam a perceber que a vida é feita de momentos e que a câmera fotográfica registra esses momentos que podem ser lembrados através do registro visual da fotografia.

Também percebemos que esse leitor tem a ilusão de poder controlar os sentidos quando diz que as “fotografias tiradas da câmera servem para lembrar momentos bons ou ruins”. Assim, o sujeito acredita que ao visualizar uma foto, os mesmos sentidos virão à tona, ou seja, esse sujeito se esquece de que os sentidos sempre podem ser outros, que não estão estabilizados e que mesmo que a fotografia nos faça lembrar momentos, os sentidos nunca serão os mesmos, pois eles são (re)significados a partir do lugar social em que se está inserido.

Com base nas análises dos recortes até aqui apresentados, foi possível verificar que esses sujeitos, ao lerem e interpretarem o *etc.* e as *reticências*, a partir do texto proposto ao processo de leitura, interpretação e escritura, produziram sentidos que se aproximam, que vão em uma mesma direção: acreditar na vida e crer que os momentos vividos podem ficar guardados, eternizados, através da fotografia.

Essa relação da vida com sentidos positivos e com a fotografia é que nos possibilitou reunir todos esses sujeitos (essas sequências), em um mesmo recorte discursivo. Nosso gesto analítico, de organizar as sdrs em recortes, buscou compreender como se estabelecem as relações significativas entre elementos significantes, bem como nos permitiu constatar que os sujeitos-leitores fizeram leituras que se assemelham para nossos objetos de análise. Logo, tudo nos leva a crer que nossos objetos de análise funcionam, discursivamente, de maneira muito semelhante.

### **RECORTE 3 – Vida que é injusta e difícil.**

Neste recorte, trataremos de sequências discursivas de referência em que o sujeito-leitor assume uma posição, diferente das analisadas até agora, com relação à vida. Agora, a vida não é mais vista como momentos que precisam ser eternizados, guardados, ou que é uma coisa boa, preciosa e que lembra as flores e seus perfumes.

Nas sequências abaixo, trataremos da posição (apenas de um sujeito) que acredita que a vida é injusta e difícil.

#### **Sujeito 14: atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr27:** “Vida é algo que é injusto que temos superar e aprender com perdas e amores falsos.[...] Vida é algo que surpreende com fatos que nos destimula”.

#### **Sujeito 14: atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr28:** “Vida onde você recebe vários não para um sim na vida você tem que batalhar para alcançar seus objetivos e sonhos”.

Com base na sequência 27, entendemos um sujeito que preenche o *etc.* definindo a vida como injusta, na qual acontecem fatos que o desestimulam. No entanto, apesar de acreditar que a vida é injusta, esse sujeito-leitor acredita que é preciso saber lidar com os problemas, as injustiças, e aprender com isso. Ou seja, que é preciso tirar algum proveito das situações difíceis da vida.

Desta forma, não temos mais um sujeito que preenche o *etc.* com dizeres positivos com relação à vida. O que percebemos é um sujeito que se inscreve em uma posição de desgosto com relação à vida. Em outras palavras, a partir da FD dos alunos, esse leitor traz outros sentidos para a interpretação do texto proposto. Assim, esse sujeito assume uma posição diferente das vistas até aqui.

Ao preencher as *reticências*, esse sujeito continua a fazer com dizeres que nos remetem a uma vida difícil. Nesta sequência discursiva, constatamos que o sujeito não fala, explicitamente, através de palavras, que a vida é injusta. No entanto, vai atestar que é preciso batalhar para que se atinjam os sonhos e objetivos traçados para a vida ou, quem sabe, para ser feliz.

Apesar de não falar em injustiça, esse gesto interpretativo das *reticências* nos remete ao que foi dito na leitura do *etc.* É como se dissesse: “A vida é injusta e, por isso, é que se recebe muitos “não”; e para a realização dos sonhos, é preciso lutar muito, ouvir muitos “não” até receber um sim e alcançar os sonhos e objetivos”.

Desta forma, temos gestos de interpretação que levam a uma mesma direção tanto em relação ao *etc.* quanto às *reticências*.

#### **4.2 Gestos interpretativos do TEXTO-BASE – sentidos que se distanciam**

##### **RECORTE 4 – As diferentes leituras para o *etc.* e as *reticências***

Neste recorte, trataremos de sequências discursivas de referência em que os sujeitos-leitores não produziram gestos interpretativos, para o *etc.* e as *reticências*, que pudessem se aproximar. Assim, em um universo de 17 alunos, apenas 3 apresentaram diferença ao preencher os sentidos do *etc.* e das *reticências*.

**Sujeito 15 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr29:** “Câmera, vida, fatos, alegrias, tristezas. Nos tempos modernos tudo é sinônimo de foto... Uma foto traz lembranças da vida, sorrisos, felicidade, faz bem para todos mas também traz saudade”.

**Sujeito 15– atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr30:** “Câmera é a vida de cada um fotógrafo, que visa cada detalhe, cada ângulo, cada paisagem, cada sorriso para sua própria satisfação. (...) A câmera é a vida de um fotógrafo, de um modelos, de um amador, de todas pessoas que gostam de manter salvos momentos de sua vida”.

**Sujeito 16 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr31:** “As fotografias de uma vida de uma pessoa pode ser perdida ao longo de muitos anos devido a ação do tempo”.

**Sujeito 16 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr32:** “Uma imagem feita depois da vida de um fotógrafo chamado Sandro Machado que trabalha em um jornal. Quando ele foi fotografar um carro batido ele foi atropelado e sua câmera tirou uma foto do acidente dele. OBS: Sandro morreu”.

**Sujeito 17 – atribuição de sentidos para o etc.**

**Sdr33:** “Câmera leva a entender guardar momentos importantes. Tiramos fotos, guardar momentos de sua vida para tempos à frente olhar as fotos e relembrar tudo que tem nas fotos e o ‘etc.’ é para indicar coisas parecidas com ‘lifes”.

**Sujeito 17 – atribuição de sentidos para as reticências**

**Sdr34:** “Tirar fotos é a vida de alguns, e a minha não”.

Essas sequências demonstram que esses sujeitos, ao lerem e interpretarem o *etc.* e as *reticências*, fazem leituras distintas, produzindo, desta forma, diferentes sentidos, diferentes gestos de interpretação.

Na primeira atividade, o preenchimento do *etc.*, o **leitor 15** produz sentidos que relacionam à vida com a câmera que registra momentos. Momentos esses que ficam registrados através da fotografia e esta, por sua vez, carrega lembranças da vida – “sorrisos, felicidades (...) saudade.



Desta forma, entendemos que esse sujeito se inscreve em uma posição-sujeito, a partir da FD dos alunos, que produz sentidos que se aproximam da maioria dos sujeitos que foram submetidos ao processo de leitura, interpretação e escritura, ou seja, sentidos que relacionam à vida à fotografia.

No entanto, ao ler e interpretar as *reticências*, esse sujeito assume, talvez, outra posição frente ao texto e produz diferentes sentidos para o mesmo. Nesse outro momento de leitura, esse sujeito continua falando da vida e da fotografia, mas se distancia dessa relação.

Agora, então, apesar de termos dois enunciados que falam em vida e fotografia, não temos mais sentidos que se aproximam, pois os sentidos dados à vida e à fotografia, ou à câmera fotográfica, seguem caminhos distintos. Na **sdr29 (sujeito 15)**, o sujeito relaciona a fotografia com sua própria vida, enquanto que na **sdr30 (sujeito15)** o mesmo sujeito fala de forma distanciada da fotografia – faz referência/relação da fotografia com a profissão de fotógrafo.

Observando as **sdrs 31 e 32 (sujeito16)**, percebemos que esse sujeito leitor, apesar de um traço em comum entre os enunciados, a fotografia, também produz sentidos distintos para a leitura do *etc.* e das *reticências*.

Ao ler e interpretar o *etc.*, o **sujeito 16** produz seu gesto de interpretação relacionando a fotografia, enquanto objeto material, à ação do tempo, ou seja, ao fato de as fotografias poderem perder suas formas, imagens, através da ação do tempo – cronológico.

No entanto, ao ler e interpretar as *reticências*, esse mesmo sujeito o faz de forma distinta, produzindo sentidos que se distanciam dos produzidos a partir da leitura do *etc.* Nessa segunda etapa, o preenchimento das *reticências* se “resumiu” a contar, de forma breve, o que aconteceu com um determinado fotógrafo.

Na **sequência 33 (sujeito 17)**, esse sujeito, assim como outros analisados neste recorte, assume uma posição que acredita que a fotografia guarda momentos vividos e que, ao visualizar as fotos, iremos relembrar momentos e produzir os mesmos sentidos. Logo, esse sujeito, assim como os demais, tem a ilusão de poder controlar os sentidos; esquece-se que os sentidos sempre podem ser outros e que os sentidos não ficam guardados, armazenados, na fotografia, mas sim na memória discursiva. Desta forma, toda vez que se olha uma foto, sentidos outros podem emergir.

Já na **sdr34 (sujeito 17)**, temos um gesto interpretativo que se distancia do primeiro e, basicamente, produz um sentido paradoxal, uma vez que na leitura do *etc.* o

leitor faz a relação da vida com a fotografia, e ao ler as *reticências*, vai dizer que o ato de tirar fotos “é a vida de alguns”, mas a dele não. Ora, se a vida desse sujeito tem relação com a fotografia, por que, em outro momento, ele vai atestar que a fotografia não faz parte de sua vida?

Isso nos mostra que os sentidos sempre podem ser outros e que o contexto sócio-histórico e a ideologia são fatores determinantes para que o gesto de interpretação aconteça.

Com base nessas análises, entendemos que, para esses leitores, o *etc.* e as *reticências* são marcas linguísticas que não se aproximam e, por isso, não podem ser lidas da mesma maneira ou produzir sentidos que se aproximam. Ou seja, para esses sujeitos-leitores, nossos objetos de análise funcionam diferentemente no fio do discurso, o que faz com que se distanciem da posição-sujeito assumida pela maioria dos alunos.

Encerrando nossas análises, queremos registrar que na análise dos 3 primeiros recortes foi possível perceber que a maioria dos alunos que participou de nossa pesquisa, leu e interpretou nossos objetos de análise com sentidos bastante próximos, o que nos leva a pensar que tanto o *etc.* quanto as *reticências* podem ser lidos, pensados, da mesma forma, mostrando, como dissemos, que o *etc.* e as *reticências* não são resto, sobra ou interrupção do pensamento, mas que são marcas linguísticas representativas do silêncio que, ao serem lidas, produzem sentidos. Ou seja, não são um vazio sem sentido, mas sim um espaço “aberto” à significação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões que norteavam nosso trabalho buscava entender se os alunos poderiam produzir diferentes gestos de interpretação (re)significando o espaço produzido pelo *etc.* e pelas *reticências*. Assim, com base em nossas análises, foi possível perceber que esse espaço de silêncio produzido pelo *etc.* e pelas *reticências* produziram sentidos que fizeram com que o TEXTO-BASE fosse desconstruído e re(significado) a partir da lacuna produzida pelos nossos objetos.

Embora nossa pesquisa não seja quantitativa, é importante salientar que o grande percentual de alunos que atribuíram sentidos muito semelhantes, ao preencher o *etc.* e as *reticências*, nos ajuda na compreensão de que tanto para o *etc.* como para as *reticências*, o funcionamento discursivo, se não igual, é muito próximo. Isso nos leva a concluir que nossos objetos de análise foram lidos da mesma maneira pelos sujeitos-leitores submetidos ao processo de leitura, interpretação e escritura.

Em nossas análises, nos chamou bastante a atenção o fato de grande parte dos sujeitos acreditarem estar no controle dos sentidos. Isso se deu, principalmente, pelo fato de esses sujeitos acreditarem que toda vez que se olha uma fotografia, os mesmos sentidos vem à tona. Os alunos se esquecem, não se dão conta, que os sentidos, os gestos interpretativos, nunca serão os mesmos, pois a cada visualização de uma fotografia, temos momentos discursivos diferentes em condições de produção diferentes. E assim, como nos ensina Mittmann, “é justamente pelo funcionamento do inconsciente e da ideologia, que funciona a ilusão de o sujeito ser a origem do dizer e de ele ter o controle dos sentidos” (2010. p. 88).

Com o que fizemos até aqui, entendemos que conseguimos, mesmo que de forma breve, atingir nossos objetivos, uma vez que fomos em busca de um enfoque linguístico e, em seguida, de um enfoque discursivo para nossos objetos de análise. Esses enfoques discursivos, pensados juntamente com reflexões acerca de algumas noções da Análise de Discurso que consideramos relevantes para nosso trabalho, alicerçaram nossas análises. Sem um estudo teórico, as análises não poderiam ter sido realizadas.

Nossas análises nos permitiram constatar que tanto o *etc.* quanto as *reticências* são marcas linguísticas de silêncio que significam, e que, por isso, não são um espaço vazio sem sentido. Pelo contrário, são recursos linguísticos para marcar o silêncio, os não-ditos, mas que significam em um determinado contexto e que podem produzir

diferentes sentidos, os quais vão depender de determinadas condições de produção de leitura.

Nossas sequências discursivas de referência nos proporcionaram, como já supúnhamos, entender que tanto o *etc.* quanto as *reticências* podem ser utilizados no fio do discurso como marcas linguísticas que se assemelham. Isso porque, como vimos, ambos foram lidos e interpretados a partir de gestos de interpretação que, de certa forma, vão em uma mesma direção.

Desta forma, chegamos à conclusão de que o *etc.* e as *reticências* são (re)significados pelo sujeito-leitor a partir de suas condições de produção de leitura, e que os dois podem ser lidos, pensamos, de formas muito parecidas.

Acreditamos que pensar no *etc.* e nas *reticências* sob um enfoque discursivo, nos possibilita dar valor ao que, pela linguística textual, tem pouca importância. Pensando discursivamente, nossos objetos de análise produzem sentidos que, talvez, não pudéssemos perceber se estivéssemos fazendo apenas uma análise de conteúdo. A partir de uma perspectiva discursiva, trabalhamos com as possibilidades de sentido que o texto-base sustenta. Sentidos esses produzidos, (re)significados pelos alunos. Dando um efeito de fechamento, entendemos que nossos objetos de análise são muito mais do que resto, sobra, sequência lógica, suspensão do pensamento ou ideia inacabada. Vimos, por meio de nossas análises, que tanto o *etc.* quanto as *reticências* vão muito além disso ou, ainda, que não são apenas uma abreviatura ou um sinal de pontuação, mas marcas de silêncio que reclamam sentidos, os quais foram produzidos a partir de dadas condições de produção.

Pensar o *etc.* e as *reticências*, a partir da perspectiva da Análise de Discurso, nos permitiu verificar que nem só as palavras reclamam por sentidos, pois com a abreviatura *etc.* e com o sinal de pontuação das *reticências* os sentidos foram (re)significados, já que sempre podem ser outros, visto que o sujeito é sempre outro, interpelado pela ideologia, atravessado pelo inconsciente e inscrito em uma formação discursiva.

Assim, entendemos que a AD nos proporciona refletir sobre o que já está posto, quase enraizado, pela linguística tradicional, como verdade absoluta. Nesse sentido, a AD nos propicia momentos de reflexão que sempre nos levarão a querer entender mais o universo discursivo.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Diego Vieira. *Representações do tempo na publicidade de relógios de pulso: uma análise discursiva*. 2013. 112p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2013.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 4.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1956.

CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 6, n.2, p. 299-313, 2006.

CAREGNATO, Rita C. A.; MUTTI, Regina. *Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679 – 684, out./dez. 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, Paris: Larousse, v. 62, 1981, p. 4-128.

FRANCO, Patricia P. O funcionamento discursivo do etc.: uma questão de interpretação. In: CASEIRA, Ingrid Gonçalves. GRANTHAM, Marilei Resmini (Orgs.). *Análise do discurso e ensino: um olhar discursivo sobre a língua, a leitura e a interpretação*. Curitiba: CRV, 1.ed., 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam*. 26.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

GADET, Françoise. TONY, Hak (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

GALLO, Solange. *Texto: como apre(e)nder essa matéria?* 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

GRANTHAM, Marilei Resmini. *Da releitura à escritura - Um estudo da leitura pelo viés da pontuação*. Campinas: RG Editora, 2009.

HAROCHE et al. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, p. 93-106, 1975.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Tese de Doutorado, Campinas, 1992, publicada pela Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Borneó (Orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

MARIANI, Bethania. Textos e conceitos fundamentais de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan. *In: Alfa*, São Paulo, 54 (1): 113-127, 2010.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1992) O que nos diz sobre a sintaxe a pontuação de manuscritos medievais portugueses. *In: Reunião Anual da ABRALIN - Mesa Redonda: Sintaxe e Pontuação* (mimeog.), 13 p.

MITTMAN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. *In: Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina e INDURSKY, Freda (organizadoras). São Paulo: Claraluz, 2007.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *In: Desenredo*, v. 6, n.1, jan./junho 2010 – Revista do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

ORLANDI, E.P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Os efeitos de Leitura na Relação Discurso/Texto *In: Discurso e texto: formação e circulação de sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. *In: Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade / Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (Orgs.)*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.  
RAIMES, Ann. *Keys for writers. A Brief Handbook*. Hunter College, City University of New York, 1969.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. *In: GADET & HAK (Org.)*. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990, p.163-252.

REY, Alain. La Pratique de la ponctuation. *In: La Ponctuation*. Journées de L'Association Freudienne Internationale. n° 18, 14-15 de junho de 1997, p. 31-37.

TOURNIER, Claude. Historie des idéssur la ponctuation. In: *Langue Française*, v.45, p. 28-40. Paris: Larousse, 1980.

<http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono30.php>. Acesso em 22 de setembro de 2014.

**ANEXO A – Termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE)  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A pesquisa intitulada “Etc. e reticências: possibilidades de sentido”, pretende fazer um estudo discursivo da abreviatura etc. comparada com as reticências, pelo viés da leitura, da interpretação e da produção de textos. Tal pesquisa resultará em uma dissertação que é o requisito para aprovação do curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL.

Para sua realização será feito o seguinte: os alunos receberão um texto e será pedido para que escrevam, pelo menos, um parágrafo que revele a interpretação do referido texto. A participação dos alunos será voluntária e os nomes dos mesmos não serão divulgados.

Não há riscos previstos, pois os alunos serão voluntários e não terão seus nomes divulgados em momento algum. Espera-se que esse estudo beneficie não só alunos de letras e professores de Língua Portuguesa, mas sim a todos que se interessarem por estudos que envolvam a leitura e a interpretação.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Caso o aluno voluntário, depois de consentir sua participação, desista de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O voluntário não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com a pesquisadora responsável ou com o Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas.

Por fim, vale ressaltar que a pesquisa que proponho tem financiamento próprio, sem nenhum tipo de patrocínio.



Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é **Patricia Pereira Franco** (Fone (53)99288908).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável legal

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do pesquisador responsável

